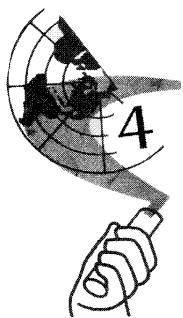


O Novo Curso



com o Prólogo da
edição grega (1933)

León Trotsky
(1923)

**Partido
Operário
Revolucionário**



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Índice

Apresentação	03
Prólogo da edição grega do “Novo Curso”	07
1 As gerações no Partido	11
2 A Composição social do Partido.....	19
3 Agrupamentos e frações.....	25
4 O burocratismo e a revolução	36
5 Tradição e política revolucionária.....	44
6 A “subestimação do campesinato”	55
7 O plano na economia	64

Apresentação

O Partido Operário Revolucionário entrega aos militantes, aos operários, aos camponeses pobres e à juventude oprimida a primeira tradução para o português do folheto “O Novo Curso”, de León Trotsky, que reúne diversos escritos publicados em 1923 ao calor das lutas políticas no Estado Operário Soviético e no interior do Partido Comunista.

Nestes artigos, Trotsky analisa as origens da burocratização do Partido Comunista e do Estado Operário, enquanto o processo estava em curso e ainda o estalinismo não havia se consolidado como corrente, que posteriormente viria prevalecer. Como militante, o fez em uma situação em que os elementos materiais e políticos não consolidados permitiam a Trotsky e seus aliados combaterem por uma orientação revolucionária, em cuja base estava a defesa da democracia soviética. A tradição marxista-leninista do partido bolchevique lhe serviu para enfrentar os novos problemas e obstáculos que surgiam na transição do capitalismo para o socialismo, em contraposição à revisão encabeçada por Josef Stálin.

Trotsky empreende esta tarefa, consciente da sua importância decisiva para o curso da revolução, aplicando o método marxista, ou seja, a dialética materialista de modo

exemplar, chamando explicitamente a atenção dos leitores para a importância de se recorrer à doutrina de Marx como a única ferramenta que podia explicar e orientar o enfrentamento da degeneração burocrática do Estado Operário. Sem perder de vista as manifestações empíricas, as expressões políticas e inclusive as culturais dos conflitos, desvenda as raízes sociais e econômicas subjacentes ao fenômeno da burocratização, que em 1923 dava seus primeiros sinais.

Consciente do papel que desempenhava na história da revolução russa e mundial, sem qualquer traço de autopromoção, arremete-se com coragem e determinação contra as manifestações do oportunismo, que já se manifestavam no partido e distorciam a própria história para justificar equívocos, que seriam tão fatais no futuro – a exemplo do apoio ao Kuomintang chinês e à limitação da revolução chinesa à sua “etapa” democrática. Reestabelece com clareza as ideias originalmente formuladas acerca do caráter da Revolução na Rússia no início do século XX, o qual mencheviques e estalinistas deformaram, uma e outra vez, para opor Trotsky a Lênin, como no caso da acusação de que teria supostamente subestimado o papel do campesinato na revolução proletária.

Integrando na sua análise a totalidade dos fatores decisivos manifestados nos conflitos próprios de um período de transição do capitalismo ao socialismo, Trotsky aplica o realismo que caracteriza o método leninista às relações econômicas entre o campesinato, o proletariado e a burguesia que se agarrava à Nova Política Econômica (NEP), sem perder de vista as forças de que dispõe o Estado Operário para avançar na solução revolucionária dos problemas. É também exemplar a perspectiva com que se coloca perante os problemas monumentais, adotando sempre a via do enfrentamento a eles em função das transformações econômico-sociais em curso, apoiando-se invariavelmente nos recursos da vida real.

É ilustrativa dessa posição a explicação que faz da existência da própria polêmica sobre a burocratização, quando

afirma: *“Há algo que precisa ser enxergado: a essência das divergências e dificuldades atuais não se devem a que os “secretários” exageraram em alguns pontos e seja necessário chamar a atenção deles, mas no fato de que o conjunto do Partido se dispõe a elevar-se a um plano histórico superior”*. Indicando que se existe polêmica é porque já se iniciou o movimento do partido para superar essa degeneração, ou que a existência dela é reflexo do combate.

Ataca as falsificações e falácias de que se valia a burocracia do aparato para se opor às medidas corretivas dos desvios, deliberadas pelo Comitê Central do partido. Mostra que, por detrás da suposta defesa da “tradição”, do “centralismo” e da luta contra o “fracionalismo”, se encontrava a defesa dos privilégios da burocracia que ameaça substituir o Partido, ao invés desta ser apenas um instrumento transitório dele.

Destaca-se também no conjunto destes artigos o papel que atribui à juventude, principalmente à da classe operária. Enxerga nela o necessário germe de renovação e impulso revolucionário que o partido deve acolher. Defende o seu direito à participação integral na vida e nas decisões do partido – não apenas dos jovens, claro –, como militantes plenos contra a tendência de confiná-los às escolas e ao papel de aprendizes, considerados mais ou menos incapazes de assumir o comando. Mas chama também a atenção dos jovens contra o espírito de funcionalismo e a conduta de bajulação aos dirigentes. Vale a pena por isso reproduzir o chamado enfático que faz às melhores qualidades que se espera da juventude:

“Nossa juventude não deve limitar-se a repetir fórmulas. Deve conquistá-las, assimilá-las, formar uma opinião, uma fisionomia própria e ser capaz de lutar por seus objetivos com a coragem que dão uma convicção profunda e uma total independência de caráter. Fora do Partido a obediência passiva que faz seguir mecanicamente as pegadas dos chefes! Fora do Partido a impessoalidade, o servilismo, o carreirismo! O bolchevique não é somente um homem disciplinado; é um homem que, em cada caso e para cada problema, for-

ma uma opinião firme e a defende firmemente não apenas contra seus inimigos, mas também no seio do seu próprio partido”.

Todos os artigos mostram, finalmente, a perspectiva teórica rigorosamente marxista que impregna o combate empreendido por Trotsky. A preocupação por reproduzir o encadeamento das manifestações do burocratismo (junto com as suas justificativas), com as raízes sociais e econômicas e a dependência da superação deste desvio ao desenvolvimento da indústria soviética, ao fortalecimento social e político da classe operária ao seu crescente papel na direção do partido.

O “Novo Curso” assentou as bases da luta contra o revisionismo estalinista, que mais tarde iria se potenciar como força contrarrevolucionária, instrumento das pressões restauracionistas internas e externas à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Permitiu a constituição da Oposição de Esquerda Russa, que sofreria uma brutal perseguição da camarilha estalinista, que caminhava para liquidar os traços mais elementares da democracia proletária no seio do Partido e do Estado. É necessário voltar a atenção para esse legado inicial que serviu de base de sustentação para a posterior formação da Oposição de Esquerda Internacional e para a constituição da IV Internacional.

O POR considerou inadiável a divulgação do “O Novo Curso” no Brasil, traduzindo-o e estudando-o na sua escola de quadros. Esperamos contribuir para fortalecer o trabalho de construção do partido revolucionário em nosso país e de reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista.

31 de outubro de 2014

Clovis Nunes

Observação: Nesta publicação não incorporamos o prefácio, redigido por Trotsky, e os anexos. Incorporamos, no entanto, o “Prólogo à edição grega do Novo Curso”, de janeiro de 1933. As suas recomendações são válidas para nosso trabalho de construção do POR.

Prólogo da edição grega do “Novo Curso”

28 de janeiro de 1933

A notícia de que o folheto *O Novo Curso* aparecerá em grego me surpreendeu. Não ocultarei que a surpresa me alegrou. Trata-se de uma coleção de artigos escritos há dez anos, quando a Oposição de Esquerda (bolcheviques leninistas) estava surgindo. Hoje o livro será de interesse mais histórico do que atual. Sua publicação em Atenas demonstra que os operários gregos avançados sentem o vivo interesse em conhecer a velha Oposição de Esquerda. É impossível não ver nisso uma mostra da seriedade de nosso movimento. As ideias e as consignas não caem do céu; são elaboradas no curso de uma luta prolongada. Assim, torna-se difícil compreender corretamente as ideias, tanto científicas como políticas, sem conhecer a história de sua elaboração. A tradição desempenha aqui um grande papel, que pode ser negativo ou positivo, na história da humanidade. Sabemos que as classes e partidos conservadores empregam a tradição para preservar a ordem existente, isto é, primordialmente, a opressão e a exploração. Mas a classe revolucionária necessita da tradição porque esta é um grande arsenal que pode prover armas para a luta contra os males existentes.

A Oposição de Esquerda que, com plena justificativa, se

considera continuadora da obra de Marx e Lênin, existiu como tendência independente há uns dez anos. No relógio da história, é um breve período, mas neste tempo muitos países conheceram grandes acontecimentos. A Oposição de Esquerda, invariavelmente, respondeu a todos os problemas colocados por esses acontecimentos. Foram corretas suas análises? Que curso dos fatos confirma tais prognósticos? As respostas às referidas indagações somente podem advir do estudo da história da Oposição de Esquerda à luz desses grandes acontecimentos. Não me resta a menor dúvida de que esse conhecimento somente servirá para fortalecer nos bolcheviques leninistas gregos a convicção de que, historicamente, fizeram bem em defender o que defenderam.

O folheto *O Novo Curso* está dedicado quase que exclusivamente à análise de problemas internos da URSS. A questão da democracia do partido ocupa um bom número de páginas, mas não é colocada do ponto de vista abstrato, mas sim materialista, isto é, inseparavelmente ligado às relações recíprocas das classes no país e aos agrupamentos políticos do proletariado (ver, em particular, o capítulo “Burocratismo e revolução”). A democracia do partido não é necessária como um fim em si mesmo, mas como meio para educar e unificar a vanguarda proletária no espírito do marxismo revolucionário. Democracia de nenhuma forma significa, contudo, que as portas estão abertas a todos. A organização revolucionária só pode crescer e se fortalecer se constantemente se depura e amplia sua base proletária. Uma política classista correta é a premissa principal para que exista uma sã democracia de partido. Sem isso, tudo o que se diga da democracia e da disciplina carece de conteúdo; pior ainda, se converte em uma arma para a desorganização do movimento proletário.

Nos últimos meses de outono de 1923, em que foi escrito o folheto e a URSS era cenário de debates em torno da democracia do partido, a industrialização, a atitude diante do campesinato e da economia planificada, na Alemanha se preparavam imensos acontecimentos revolucionários,

que toda a vanguarda proletária internacional acompanhava atenta. Os operários russos esperavam que uma Alemanha soviética não tardaria em unir-se à Rússia Soviética. O que abriria ao socialismo perspectivas ilimitadas. Mas, devido à paralisia provocada pela direção oportunista (Stálin, Zinoviev, Brandler), o Partido Comunista Alemão se mostrou incapaz de explorar uma gigantesca situação revolucionária. A burguesia alemã, com ajuda da socialdemocracia, manteve – e durante um certo período inclusive incrementou – sua supremacia. Por todo o mundo começou a se propagar o refluxo revolucionário. Os próprios operários russos se tornaram prisioneiros da desilusão em relação à revolução internacional. Nesse momento, a burocracia estalinista levantou a *teoria do socialismo em um só país*, e lançou uma batalha furiosa contra os bolcheviques leninistas, partidários do programa da revolução permanente. Esse grande problema, não obstante, ficou fora dos limites desse artigo.

A organização dos marxistas se originou na Grécia em circunstâncias especiais, e há três anos se desenvolveu separada e independentemente da Oposição de Esquerda. Mas em determinado momento, como ocorreu outras vezes na história, nossos caminhos se uniram. Continuarão assim? Por quanto tempo? Creio que sim, e para sempre. Graças à sua composição proletária combatente, a organização dos marxistas tem demonstrado ser mais capaz de absorver e aplicar politicamente as ideias da Oposição de Esquerda do que outras seções mais antigas. A seção bolchevique leninista grega poderá manter firmemente a sua organização no caminho escolhido quanto mais séria seja a educação teórica de seus jovens quadros proletários. Envio a todos os amigos gregos minhas calorosas saudações, juntamente com a esperança de que esse folheto lhes ajude, ao menos parcialmente, a compreender o passado de nossa tendência internacional e assim enfrentar o futuro com maior confiança.

(Extraído da obra *Escritos*,
León Trotsky, tomo IV, 1932-1933, vol. 1)

1 As gerações no Partido

Numa resolução adotada durante os debates de Moscou, lamentou-se que se misturaram a questão da democracia do Partido com discussões acerca da relação entre gerações, dos ataques pessoais, etc. Esta queixa demonstra certa confusão nas ideias. Ataques pessoais e relações entre as gerações são coisas completamente diferentes. Discutir agora a questão da democracia sem analisar a composição do Partido, tanto do ponto de vista social quanto da idade e da experiência política, não se poderia chegar a nenhuma conclusão.

Não foi o acaso que colocou a questão da democracia como um problema decorrente das relações entre as gerações. É o resultado lógico de toda a evolução do nosso Partido. Podemos dividir esquematicamente sua história em quatro períodos:

- a) preparação durante um quarto de século que chega até outubro;
- b) outubro
- c) período posterior a outubro
- d) “o novo curso”, isto é, o período em que estamos entrando.

O período anterior a outubro, apesar de sua riqueza, complexidade e diversidade de etapas superadas, hoje se mostra apenas como um período preparatório. Outubro

permitiu comprovar a ideologia, organização do Partido e sua composição. Por outubro entendemos o período mais agudo da luta pelo poder que se inicia nas “Teses de Abril”¹ de Lenin e conclui com a tomada do aparato do Estado. Embora durasse só alguns meses, é tão importante pelo seu conteúdo, como por todo o período de preparação, que se mede em anos e em dezenas de anos. Outubro não nos deu apenas uma verificação infalível, única no seu gênero, do passado do Partido, mas que se transformou também em fonte de experiência para o futuro. Graças a Outubro, o Partido pôde, pela primeira vez, avaliar-se no seu justo valor.

Após a conquista do poder, o Partido cresceu de modo rápido porém anormal, atraindo não apenas trabalhadores pouco conscientes mas também determinados elementos completamente estranhos ao seu espírito: funcionários, carreiristas e politiquieiros. Conservou naquele período caótico sua natureza bolchevique graças à ditadura interna da “velha” guarda, que passou pelo teste de Outubro. Nas questões mais ou menos importantes, os novos membros aceitavam quase sem discussão a orientação da geração antiga. Os carreiristas usavam desta docilidade como meio para consolidar sua posição no Partido. Mas os seus cálculos falharam. Mediante uma depuração rigorosa em suas próprias fileiras, o Partido se livrou deles. O efetivo diminuiu, mas a consciência se elevou.

Este exame de si próprio, esta depuração, fez com que o Partido, pela primeira vez, depois de outubro, se considerasse uma coletividade que não devia deixar somente ser dirigida pela “velha” guarda, sem examinar e decidir por si mesma as questões essenciais da política. Neste sentido, a depuração e o período crítico a ela ligado são, num certo sentido, a preparação da profunda comoção que se manifesta agora na vida do Partido e que provavelmente entrará

1 Artigos publicados por Lenin desde Genebra e que os leu no discurso pronunciado a 4 de abril de 1917 na reunião dos bolcheviques, membros da Conferência Panrusa dos Sovietes de deputados, operários e soldados.

na história com o nome de *Novo Rumo*.

Há algo que precisa ser enxergado: a essência das divergências e dificuldades atuais não se devem a que os “secretários” exageraram em alguns pontos e seja necessário chamar a atenção deles, mas no fato de que *o conjunto do Partido se dispõe a elevar-se a um plano histórico superior*. É como se contingente dos comunistas dissesse aos dirigentes: “Companheiros, vocês têm a experiência anterior a outubro de que a maior parte de nós carece. Mas, sob a direção de vocês adquirimos, depois de outubro, uma grande experiência, que a cada dia se torna mais digna de consideração. E queremos não somente ser dirigidos por vocês, mas também participar na direção do proletariado. Queremos não apenas porque é nosso direito como membros do partido, mas também porque é absolutamente necessário para o progresso da classe operária. Sem nossa experiência, devido ao fato de estarmos na base do Partido, experiência que não apenas deve ser considerada pelas esferas dirigentes mas que deve ser introduzida por nós mesmos na vida do Partido, o aparato dirigente se burocratiza, e nós, comunistas de base, não nos sentimos suficientemente armados ideologicamente diante dos sem partidos”.

A comoção atual é o resultado de toda a evolução anterior. Era preparada já, desde bastante tempo, por processos moleculares, invisíveis no início, na vida e na consciência do Partido. A crise econômica impulsionou o pensamento crítico. Os acontecimentos da Alemanha comoveram o Partido. E neste momento é que se percebe claramente que *o Partido vive, de certa forma, em dois níveis: o nível superior onde se decide, e o nível inferior que se limita a inteirar-se das decisões*. Entretanto, a revisão crítica do regime interno do Partido foi adiada devido à ansiosa espera do desenlace dos acontecimentos na Alemanha, que parecia próximo. Quando se compreendeu que esse desenlace seria retardado pela força das circunstâncias, o Partido colocou na ordem do dia o problema do “novo curso”.

Como ocorre frequentemente na história, foi precisamente durante estes últimos meses que o aparato² evidenciou seus traços mais negativos e intoleráveis: isolamento das massas, arrogância burocrática, completo desprezo pelas opiniões e necessidades do Partido. Impregnado pelo burocratismo, rejeitou desde o início, com uma violência hostil, as tentativas de discutir o problema da revisão do regime interno do Partido

Isto não significa, evidentemente, que o aparato se componha exclusivamente de burocratas, e menos ainda de burocratas pervertidos e incorrigíveis. O período crítico atual ajudará à maioria dos seus membros a compreender o sentido desta discussão e renunciar a muitos dos seus equívocos. O reagrupamento ideológico e orgânico que surgirá da virada atual terá, no final, consequências benéficas tanto para a massa de comunistas como para o aparato. Mas, neste último, da forma como aparece no início da crise atual, o burocratismo atingiu um desenvolvimento excessivo, verdadeiramente assustador. E este fato é o que confere ao reagrupamento ideológico atual um caráter de urgência, nascido de legítimos temores.

Dessa forma, há dois ou três meses atrás, quando se denunciava o burocratismo do aparato, a autoridade excessiva dos comitês e dos secretariados, os responsáveis pelo “velho” curso nas organizações centrais e locais respondiam encolhendo os ombros ou protestando indignados. As nomeações transformadas em sistemas? Pura imaginação. Formalismo, burocratismo? Invenções, oposição pelo prazer de fazer oposição, etc., etc. Esses camaradas, com toda sinceridade, não percebiam o perigo burocrático que eles próprios representavam. Somente sob a pressão da base começaram, pouco a pouco, a reconhecer que realmente havia manifestações de burocratismo, mas, unicamente em certas regiões e distritos, e que por outra parte, eram apenas desvios momentâneos, etc. De acordo com eles, o burocratismo era um mero resquício do período de

2 Aparato aqui significa todos os funcionários permanentes da organização do Partido.

guerra, isto é, um fenômeno em vias de desaparecimento. É inútil explicar quão equivocada é esta concepção e explicação da questão.

O burocratismo não é uma característica momentânea de algumas organizações provinciais senão um fenômeno geral. Não vai do distrito à organização central por meio da organização regional, mas da organização central ao distrito por meio da organização regional. Não é de modo algum um “resquício” do período de guerra, senão que surge devido à transferência para o interior do Partido dos métodos e procedimentos administrativos acumulados durante estes últimos anos. Por mais exageradas que fossem alguma vez as formas que adotou, o burocratismo do período de guerra era insignificante em comparação com o atual burocratismo que se desenvolveu em tempos de paz, enquanto o aparato, apesar da maturidade ideológica do Partido, continuava obstinadamente pensando e decidindo por ele.

Por isso, do ponto de vista dos princípios, a resolução do Comitê Central sobre a organização do Partido tem uma importância imensa e o Partido tem de claramente assimilá-la. Seria indigno, portanto, considerar que o sentido profundo das decisões tomadas se reduza a modificações técnicas na organização e, que se pretenda limitar-se a exigir dos secretários e comitês maior “suavidade” e “educação” com a massa. *A resolução do Comitê Central fala do “novo curso”*. O Partido se prepara para entrar numa nova fase de desenvolvimento. Não se trata, evidentemente, de romper os princípios organizativos do bolchevismo, como alguns tentam confundir, mas de aplicá-los às condições da nova etapa do Partido. Principalmente, trata-se de estabelecer relações mais sadias entre os quadros antigos e a maioria dos membros que ingressaram ao Partido depois de outubro.

A preparação teórica, a firmeza revolucionária e a experiência política representam nosso capital fundamental, cujos principais expoentes são os velhos quadros do Partido. De outro lado, o Partido é uma organização essen-

cialmente democrática, isto é, um coletivo cuja orientação depende do pensamento e da vontade de todos. É claro que na situação complicada do período imediatamente posterior a outubro, o Partido avançava tanto melhor quanto mais se utilizava, de conjunto, a experiência acumulada pela antiga geração, cujos representantes passavam a ocupar os postos mais importantes na organização.

O resultado desse estado de coisas foi que, desempenhando o papel de dirigente do Partido e absorvido nas questões da administração, a antiga geração acostumou-se a pensar e a decidir pelo Partido e a colocar em primeiro plano para a massa de comunistas métodos puramente escolares, pedagógicos, de participação na vida política: cursos de instrução política elementares, verificação das noções, escolas do Partido, etc. Daí provém o burocratismo do aparato, seu isolamento das massas, sua existência como um organismo separado, em síntese, todas as características que constituem o aspecto profundamente negativo do “velho curso”. O fato do Partido viver em dois níveis distintos implica grandes perigos, aos quais já me referi em minha carta sobre os velhos e os jovens (por “jovens” não entendo, evidentemente, somente os estudantes, mas toda a geração incorporada ao Partido depois de outubro e, em primeiro lugar, aos jovens das células de fábricas).

Como se manifesta o mal-estar cada vez mais acentuado dentro do Partido? No fato que a maioria dos membros dizia: “Por mais que o aparato pense e decida bem ou mal, sempre pensa e decide a despeito de nós e em nosso lugar. Quando manifestamos uma incompreensão ou uma dúvida, objeção ou uma crítica, nos chama à ordem, apela-se à disciplina. A maior parte das vezes, nos acusa de agir como opositores ou de querer constituir frações. Estamos dedicados por inteiro ao Partido e dispostos a sacrificar tudo por ele. Mas, queremos participar ativa e conscientemente na elaboração de sua opinião e na decisão de suas linhas de ação”.

As primeiras manifestações deste estado de ânimo passaram inadvertidas. O aparato dirigente não as considerou

e essa foi uma das principais causas da formação de grupos, cuja importância é inútil exagerar, mas cujo alcance não se pode desconhecer e deve ser tomada como uma advertência para nós.

O perigo fundamental do “velho curso”, resultado de causas históricas gerais e dos nossos erros particulares, consiste em que o aparato manifesta uma tendência progressiva de opor alguns milhares de camaradas, que constituem os quadros dirigentes, com o resto da massa que se transforma para eles apenas num meio de ação. Se esta situação se perpetuar, corre-se o risco de provocar com o tempo a degeneração do Partido nos seus dois polos, isto é, entre os jovens e os quadros. Em relação à base proletária do Partido, as células de fábrica, os estudantes, etc., o perigo é evidente. Quando não sentem que participam ativamente do trabalho geral do Partido e ao não ver satisfeitas suas aspirações, numerosos comunistas procurarão um substituto de atividade sob a forma de grupos e frações de todo tipo. Precisamente nesse sentido falamos da importância sintomática dos grupos tais como o “grupo operário”.

Mas no outro extremo não é menor o perigo desse regime que durou demasiado e que se converteu para o Partido em sinônimo de burocratismo. Seria ridículo não compreender ou negar-se a ver, que a acusação de burocratismo formulada na Resolução do Comitê Central está dirigida contra os quadros do Partido. Não se trata, em relação à linha ideal, de desvios isolados no plano prático, senão de política geral do aparato, de sua tendência profunda. O burocratismo implica perigo de degeneração? Somente um cego poderia negá-lo. No seu desenvolvimento gradativo, o burocratismo ameaça separar os dirigentes da massa, levá-los a concentrar sua atenção unicamente nos problemas administrativos, nas designações; ameaça também restringir seu horizonte, enfraquecer seu sentido revolucionário, isto é, provocar uma degeneração mais ou menos oportunista da velha guarda ou, no mínimo, de um setor considerável desta. Esses processos se desenvolvem lenta

e quase insensivelmente, mas se revelam de modo brusco. Para considerar esta advertência, baseada em previsão marxista objetiva, como um *ultraje*, um *atentado*, etc., é preciso ter a suscetibilidade enferma e arrogante dos burocratas.

Mas, *efetivamente*, é grande o perigo dessa degeneração? O fato do Partido ter compreendido este perigo e tentar remediá-lo (o que provocou em particular a Resolução do Comitê Central), prova sua profunda vitalidade e, ao mesmo tempo, revela o antidoto poderoso de que dispõe contra o veneno do burocratismo. Esta é a principal garantia de sua integridade como Partido Revolucionário. Mas, se o “velho curso” tentar se manter a qualquer custo, por meio da restrição na admissão de militantes, uma seleção mais severa ou a intimidação, numa palavra, por meio de procedimentos que expõem uma desconfiança com respeito ao Partido, o perigo efetivo de degeneração de um setor considerável dos quadros aumentará inevitavelmente.

O Partido não pode viver unicamente das reservas do passado. É suficiente que o passado tenha preparado o presente, mas é preciso que o presente esteja ideológica e praticamente à altura do passado para preparar o futuro. A tarefa do presente é a de deslocar o centro da atividade em direção às bases.

Mas, provavelmente digam que este deslocamento do centro de gravidade não se efetua abruptamente; o Partido não pode “descartar” a velha geração e começar imediatamente uma nova vida. Não vale a pena se deter neste argumento, estupidamente demagógico. Pretender descartar a velha geração seria uma loucura. O que é necessário é que esta velha geração mude de orientação e desse modo exerça no futuro uma influência preponderante sobre toda atividade autônoma do Partido. É necessário que considere o “novo curso” não como uma manobra, um procedimento diplomático ou uma concessão momentânea, mas como uma nova etapa no desenvolvimento político do Partido, para maior benefício da geração dirigente e do conjunto do Partido.

Pravda, 29 de dezembro de 1923.

2 A Composição social do Partido

A crise interna do Partido não se limita, evidentemente, às relações entre gerações. Historicamente, num sentido mais amplo, sua solução está determinada pela composição social do Partido, e, principalmente, pela proporção de células de fábrica e de proletários industriais.

Após a tomada do poder, a primeira preocupação da classe operária foi criar um aparato estatal (exército, órgão de direção da economia, etc.). Mas a participação dos operários no aparato estatal, cooperativo e outros, implicou o enfraquecimento das células de fábrica e o aumento excessivo, dentro do Partido, do número de funcionários, fossem ou não de origem proletária. Este é o problema. E só se poderá resolver por meio de progressos econômicos consideráveis, de um forte impulso dado à vida industrial e de uma constante afluência de operários manuais às fileiras do Partido.

Com que rapidez se realizará este processo fundamental, por meio de que fluxos e refluxos passará? Por ora é difícil prever. No estágio atual do nosso desenvolvimento econômico, é preciso fazer, evidentemente, tudo que for possível para atrair ao Partido a maior quantidade de operários que trabalham nas fábricas. Mas, não se conseguirá modificar seriamente a composição do Partido (de tal modo que, por exemplo, as células de fábricas constituam dois terços) a não ser muito lentamente e somente apoiando-se em notá-

veis progressos econômicos. Em todo caso, devemos prever um período ainda muito longo durante o qual os membros mais experientes e ativos do Partido (incluindo evidentemente os comunistas de origem proletária) serão absorvidos nas diferentes funções do aparato estatal, sindical, cooperativo e do Partido. Por isso mesmo, este fato implica um perigo, pois é uma das fontes do burocratismo.

A educação da juventude ocupa e ocupará necessariamente no Partido um lugar excepcional. Mas, ao formar em nossas universidades operárias, nossas faculdades, nossos estabelecimentos de ensino superior, o novo contingente de intelectuais, composto por uma grande proporção de comunistas, afastamos os jovens elementos proletários da fábrica não apenas durante o período dos estudos, mas geralmente para toda a vida. Efetivamente, a juventude operária que passou pelas escolas superiores estará, de fato, totalmente inserida no aparato industrial estatal ou no do Partido. Esse é o segundo fator de destruição do equilíbrio interno do Partido em detrimento de seus núcleos fundamentais: as células de fábrica.

O problema da origem, proletária, intelectual ou de outro tipo dos comunistas é realmente importante. No período imediatamente posterior à revolução, a profissão exercida antes de Outubro parecia até decisiva. De fato, a alocação dos operários numa determinada função soviética era considerada uma medida provisória. Atualmente, nesse sentido, verificamos uma mudança profunda. É inegável que os presidentes de comitês regionais ou comissários de divisões, seja qual for a sua origem, representam um tipo social determinado, independentemente da origem de cada um deles. Durante estes seis anos formaram-se no regime soviético grupos sociais bastante estáveis.

Desse modo, hoje e por um período relativamente prolongado, um setor considerável do Partido, representado pelos comunistas mais competentes é absorvido pelos diferentes aparatos de direção e administração civil, militar, econômico, etc. Outro setor, igualmente importante está estudando. Um terceiro setor, igualmente importante, está

disperso no campo e dedicando-se à agricultura. Somente a quarta categoria (que hoje representa menos da sexta parte dos filiados) é formada por proletários que trabalham nas fábricas. É evidente que o desenvolvimento do aparato do Partido e a burocratização inerente a esse desenvolvimento têm origem não nas células de fábrica vinculadas entre si por meio do aparato, mas por todas as outras funções que o Partido exerce através dos aparatos estatais de administração, de gestão econômica, de mando militar, de ensino. Em outras palavras, a fonte do burocratismo reside na crescente concentração da atenção e das forças do Partido nas instituições e aparatos governamentais e na lentidão do desenvolvimento da indústria.

Esta situação deve nos fazer compreender os perigos da degeneração burocrática dos quadros do Partido. Seríamos fetichistas se considerássemos estes quadros (só pelo fato de terem se formado na melhor escola revolucionária do mundo) à margem de todo perigo de empobrecimento ideológico e de degeneração oportunista. A história é feita pelos homens, mas os homens nem sempre fazem conscientemente a história, incluindo a sua própria. Em síntese, o problema será resolvido por dois grandes fatores de importância internacional: o curso da revolução na Europa e a rapidez do nosso desenvolvimento econômico. Mas, seria um erro atribuir de modo fatalista toda a responsabilidade a estes fatores objetivos, do mesmo modo que o seria procurar garantias unicamente num radicalismo subjetivo herdado do passado. Na mesma situação revolucionária e nas mesmas condições internacionais, o Partido resistirá em maior ou menor medida às tendências desagregadoras segundo esteja mais ou menos consciente dos perigos e os combata com maior ou menor vigor.

É evidente que a heterogeneidade da composição social do Partido, longe de debilitar os aspectos negativos do “velho curso”, os agrava ao extremo. O único meio de derrotar o corporativismo, o espírito de casta dos funcionários, é realizar a democracia. Perpetuando a “tranquilidade”, o burocratismo divide o Partido e afeta, embora diferencia-

damente, as células de fábrica, os trabalhadores no campo da economia, os militares e a juventude estudantil.

Os estudantes, como vimos, reagem de modo particularmente vigoroso contra o burocratismo. Justamente Lenin propôs, para combater o burocratismo, recorrer decididamente aos estudantes. Devido à sua composição social e a suas vinculações, os jovens estudantes são um reflexo de todos os grupos sociais do nosso Partido, bem como do seu estado de ânimo. Sua sensibilidade e energia imprimem imediatamente uma força ativa a esse estado de ânimo. Como *estudam*, se esforçam por explicar e generalizar. Isto não significa que todos seus atos e estados de ânimo expressem tendências sadias. Se assim fosse, significaria que – e esse não é o nosso caso – tudo caminha perfeitamente bem no Partido ou, que a juventude não é mais um reflexo do Partido.

Em princípio, é correto afirmar que nossa base não são os estabelecimentos de ensino, mas as células de fábrica. Mas, ao afirmarmos que a juventude é nosso barômetro, atribuímos às suas manifestações políticas um valor não essencial mas sintomático. O barômetro não cria o tempo, limita-se a registrá-lo. Em política, o tempo se forma nas profundezas das classes e onde estas entram em contato entre si. As células de fábrica criam uma vinculação direta entre o Partido e a classe do proletariado industrial, essencial para nós. As células rurais criam uma vinculação muito mais fraca entre o Partido e o campesinato. Estamos vinculados ao campesinato principalmente mediante as células militares situadas em condições especiais. Quanto aos jovens estudantes, oriundos de todos os setores e camadas da sociedade soviética, refletem em sua composição heterogênea todos nossos defeitos e qualidades, e seria uma leviandade não prestar maior atenção ao seu estado de ânimo. Além disso, um setor considerável de nossos novos estudantes é constituído por comunistas que tiveram uma experiência revolucionária bastante importante. E os defensores mais obstinados do “aparato” se equivocam enormemente ao desprezar esta juventude que é nosso instrumento de autocontrole, que deverá ocupar o nosso lugar e a quem pertence o futuro.

Mas voltemos ao problema da heterogeneidade dos grupos do Partido afastados entre si pelas suas funções no Estado. Reafirmamos que o burocratismo no Partido não é o resquício do período anterior em vias de extinção, mas, pelo contrário, um fenômeno essencialmente novo, originado das novas tarefas, novas funções, novas dificuldades e novos erros do Partido.

O proletariado realiza sua ditadura por meio do Estado Soviético. O Partido Comunista é o Partido dirigente do proletariado e, em consequência, do seu Estado. O problema consiste em exercer ativamente esse poder sem fundir o Partido com o aparato burocrático do Estado a fim de não se expor ao risco de uma degeneração burocrática.

Os comunistas estão agrupados de modo diferente conforme estejam no Partido ou no aparato do Estado. Neste último, estão dispostos hierarquicamente em relação a outros comunistas e aos sem partido. No Partido, são todos iguais no que diz respeito à determinação das tarefas e aos métodos de trabalho fundamentais. Os comunistas trabalham nas fábricas, fazem parte dos comitês de fábrica, administram as empresas, os trustes, os sindicatos, dirigem o Conselho de Economia Nacional, etc. Na direção da economia, o Partido leva e deve levar em consideração a experiência, as observações e a opinião de todos seus membros alocados nos diferentes níveis da escala da administração econômica. A vantagem essencial e incomparável do nosso Partido é que pode a todo momento observar a indústria com os olhos do torneiro comunista, do especialista comunista, do diretor comunista, do comerciante comunista, reunir a experiência desses trabalhadores que se completam entre si, extrair os resultados e determinar dessa forma o curso da economia em geral e de cada empresa em particular.

É evidente que esta direção só pode realizar-se sobre a base da democracia viva e ativa dentro do Partido. Pelo contrário, quando os métodos do “aparato” prevalecem, a direção exercida pelo Partido cede seu lugar à administração exercida pelos seus órgãos executivos (comitê, escritório, secretaria, etc.). Quando se reforça este sistema, to-

dos os assuntos se concentram nas mãos de um pequeno grupo, muitas vezes nas de um só secretário que nomeia, destitui, define diretrizes, pune, etc.

Se adotássemos esta concepção de direção, a principal virtude do Partido, ou seja, sua múltipla experiência coletiva, passaria a segundo plano. A direção adquire um caráter de mera organização e degenera frequentemente na estreiteza de visão e no espírito de comando. O aparato do Partido se afunda cada vez mais nos detalhes das tarefas do aparato soviético, vive de suas preocupações cotidianas, se deixa influenciar por ele e, ao se preocupar exageradamente com os detalhes, perde de vista as grandes linhas.

Embora a organização do Partido, enquanto coletivo, é sempre mais rica em experiências que qualquer órgão do aparato estatal, não se pode dizer o mesmo dos funcionários considerados individualmente. De fato, seria ingênuo acreditar que um secretário, graças ao seu cargo, possui todos os conhecimentos e toda a competência necessária para a direção de sua organização. Na verdade, criou-se um aparato auxiliar com seções burocráticas, um serviço de informações burocrático e esse aparato, que o aproxima ao aparato soviético, o mantém afastado da vida do Partido. E acreditando comandar os outros, ele mesmo é comandado por seu próprio aparato.

Toda a prática cotidiana do Estado Soviético se infiltra dessa forma no aparato do Partido e introduz nele o burocratismo. O Partido enquanto coletividade perde o sentido do seu poder, uma vez que não o exerce. Disso surgem descontentamentos e incompreensões, ainda que esse poder seja exercido de modo efetivo. Mas esse poder só pode se manter na posição correta se não se perder em detalhes mesquinhos e conseguir preservar um caráter sistemático, racional e coletivo. Desse modo, o burocratismo não apenas destrói a coesão interna do Partido, mas também enfraquece a ação necessária deste último sobre o aparato estatal. Isto é o que não observam nem compreendem, na maioria das vezes, aqueles que defendem com maior vigor o papel de dirigente do Partido no Estado Soviético.

3 Agrupamentos e frações

O problema dos grupos e das frações no Partido transformou-se no eixo central da discussão. Devido à importância intrínseca e a sua extrema virulência, requer ser tratado com toda clareza, ainda que até agora fosse tratado de modo errôneo.

Somos o único Partido do país e, no período atual de ditadura, não poderia ser de outro modo. As diversas necessidades da classe operária, do campesinato, do aparato estatal e de seus membros agem sobre nosso Partido, por meio do qual buscam uma expressão política. As dificuldades e as contradições próprias de nossa época, os desacordos conjunturais de interesses entre os diversos setores do proletariado, ou entre o proletariado e o campesinato, influenciam o Partido através de suas células operárias e camponesas, do aparato estatal e dos jovens estudantes. As diferenças de opinião, a diversidade de pontos de vista, ainda que episódicas, podem expressar a pressão de interesses sociais determinados e, em determinadas circunstâncias, originar grupos estáveis. Estes grupos podem, por sua vez, cedo ou tarde, adotar a forma de frações organizadas que, ao se opor enquanto tais ao restante do Partido, sejam mais sensíveis às pressões exteriores. Essa é a evolução lógica dos grupos no período em que o Partido Comunista está obrigado a monopolizar a direção da vida política.

Qual o resultado? Se não se quer frações, não deve haver grupos permanentes; se não se quer grupos permanentes, é preciso evitar os grupos esporádicos; finalmente, para que não se formem grupos esporádicos, não pode haver divergências, pois onde há duas opiniões, fatalmente as pessoas tendem a se agrupar. Mas, por outro lado, como é possível evitar as divergências em um Partido de meio milhão de pessoas que dirige o país sob condições excepcionalmente complicadas e penosas? Essa é a contradição essencial, devido à mesma situação do Partido, da ditadura do proletariado e que não se pode eliminar unicamente por procedimentos puramente formais.

Os partidários do “velho curso” que votam a resolução do Comitê Central com a convicção de que tudo continuará como antes raciocinam mais ou menos assim: “observem como apenas começamos a levantar a tampa do nosso aparato, subitamente começam a manifestar-se no Partido tendências de todo tipo que tratam de agrupar-se; por isso, é necessário colocar de novo a tampa e fechar hermeticamente a panela”. Grandes quantidades de artigos e discursos contra o “fracionalismo” é inspirada neste critério estreito. Em seu foro íntimo, os partidários do aparato estimam que a resolução do Comitê Central é um equívoco político (por isso deve impedir-se por todos os meios a sua aplicação) ou, então uma manobra (nesse caso deve ser aplicada). Do meu ponto de vista, se enganam completamente. E se for uma tática capaz de introduzir a desorganização no Partido, é obra daqueles que insistem nas velhas concepções, fingindo a aceitação respeitosa das novas.

A elaboração da opinião pública do Partido nasce inevitavelmente das contradições e divergências de critérios. Atribuir essa elaboração ao aparato, que só depois deve fornecer os seus frutos ao Partido na forma de orientações e ordens, etc. significa esterilizar ideológica e politicamente o Partido. Fazer participar todo o Partido na elaboração e adoção das resoluções favorece os agrupamentos ideológicos conjunturais que correm o risco de transformar-se em permanentes e até em frações. Como enfrentar isso?

É possível que não exista alternativa? É possível que não exista um caminho intermediário entre o regime de “calma” e o da divisão em frações? A solução existe e a tarefa da direção consiste, toda vez que seja necessário e particularmente no momento das escolhas, em elaborar a linha que corresponda à situação real do momento.

A resolução do Comitê Central diz claramente que o regime burocrático é uma das causas das frações. Esta é uma verdade que já não precisa ser demonstrada. O “velho curso” estava muito longe da democracia e, no entanto, não pôde preservar o Partido do surgimento de frações clandestinas de forma melhor que a da difícil discussão atual, que, não se pode negar, pode conduzir à formação de agrupamentos provisórios ou permanentes. *Para evitá-la, é preciso que os órgãos dirigentes do Partido escutem a opinião das massas, não considerem toda crítica como uma manifestação do espírito fracionário e não induzam, assim, os comunistas conscientes e disciplinados a guardarem sistematicamente silêncio ou a constituírem-se em frações.*

Mas dirão os burocratas, isto não é senão a justificativa de episódios como o de Miásnikov ³ e seus partidários. Em primeiro lugar, a frase que acabamos de enfatizar é uma reprodução textual da resolução do Comitê Central. Além disso, desde quando uma explicação equivale a uma justificativa? Dizer que uma úlcera é o resultado de uma circulação sanguínea defeituosa devido à fluência insuficiente de oxigênio não significa que se justifique a úlcera e se considere como uma parte normal do organismo humano. Uma única conclusão pode ser tirada disto: é preciso limpar e desinfetar a ferida e, principalmente abrir as janelas para permitir que o ar fresco proporcione o oxigênio necessário ao sangue. Mas o pior é que o setor mais combativo do “velho curso” está convencido que a resolução do Comitê Central é errônea, particularmente no parágrafo sobre o burocratismo considerado como a causa do fracionalismo. E se não falam abertamente é só devido a motivos próprios

3 Antigo membro do Partido. Em 1922 foi excluído por tendências mencheviques.

de uma mentalidade saturada de formalismo, atributo essencial do burocratismo.

É indiscutível que na situação atual as frações são flagelos e que os grupos, mesmo os conjunturais, podem transformar-se em frações. Mas a experiência demonstra que não basta declarar que os grupos e frações são prejudiciais para impedir seu surgimento. Para se precaver contra eles, é necessária uma política justa, adequada à situação real.

Basta estudar a história do nosso Partido, nem que seja do período da revolução, isto é, do período em que a constituição das frações tornava-se particularmente perigosa, para se observar que a luta contra esse flagelo não pode limitar-se a sua condenação e proibições formais.

Foi no outono de 1917 quando surgiu no Partido, em consequência do problema fundamental da tomada do poder, o desacordo mais perigoso. O ritmo febril dos acontecimentos imprimiu uma extrema intensidade a essa divergência, que culminou quase imediatamente na constituição de uma fração. Talvez involuntariamente, os adversários do golpe de Estado formaram um bloco com elementos que não pertenciam ao Partido, publicaram suas declarações em órgãos externos, etc. Naquele momento, a unidade do Partido ficou presa por um fio. Como pôde ser evitada a cisão? Devido à rápida evolução da situação e a seu desenlace favorável. Se a situação se prolongasse e, pior ainda, se a insurreição fosse derrotada, a cisão teria ocorrido inevitavelmente. Sob a firme direção da maioria do Comitê Central, o Partido, em sua impetuosa ofensiva, passou por cima da oposição, pouco numerosa mas qualitativamente muito forte, e assumiu a plataforma de Outubro. A fração e o perigo de uma cisão foram vencidos não mediante decisões formais baseadas nos estatutos, mas pela ação revolucionária.

A segunda grande divergência surgiu por ocasião da Paz de Brest-Litovsk. Os partidários da guerra revolucionária⁴ constituíram naquela ocasião uma verdadeira fração que

4 Os principais membros eram Bukarin, Radek, Krestinsky, Ossinsky, Sapronov, Iakovlev, M. Pokrovsky, V. Maximovsky, V. Smirnov, Piatakov, Préobrajensky, Cheverdine, Safarov e Stoukov.

possuía um organismo central. Que existe de verdadeiro na anedota segundo a qual Bukarin, em determinado momento esteve a ponto de derrubar Lenin do governo? Não poderia respondê-lo.⁵ A verdade é que existência de uma fração comunista de esquerda representava naquele momento um perigo gravíssimo para a unidade do Partido. Provocar uma cisão não teria sido difícil e não teria exigido da direção um grande esforço de inteligência, pois bastava proibir a existência da fração comunista de esquerda. Entretanto, o Partido adotou métodos não tão simples: preferiu discutir, explicar, comprovar por meio da experiência e resignar-se conjunturalmente a esta ameaçadora anomalia que representava a existência de uma fração organizada no seu interior.

O problema da organização militar provocou igualmente a constituição de um grupo bastante forte e obstinado que se opunha à criação de um exército regular com um aparato militar centralizado, de especialistas, etc. Por um momento, a luta adquiriu grande intensidade. Mas, da mesma forma que em Outubro, o problema foi resolvido pela experiência: pela guerra mesma. Determinados equívocos e exageros da política militar oficial foram corrigidos pela pressão da oposição, não com prejuízo, mas com proveito para a organização centralizada do exército regular. Quanto à oposição, pouco a pouco, foi se desagregando.

5 Posteriormente, o Pravda de 21 de dezembro de 1923 publicou uma carta assinada por nove ex-comunistas de esquerda que esclarece o problema. Numa sessão do Comitê Executivo dos Soviotes, o socialista revolucionário de esquerda Kamkov disse “em tom jocoso” a Bukarin e a Piatakov: “então, que farão depois se conseguirem a maioria no partido? Lenin renunciará e deveremos juntos constituir um novo Conselho de Comissários do Povo. Nesse caso penso que escolheremos a Piatakov como presidente ...” Mais tarde, o socialista revolucionário de esquerda Prochian disse a Radek rindo: “Você não faz outra coisa a não ser escrever resoluções. Não seria mais simples prender Lenin durante um dia e declarar a guerra aos alemães e depois reelege-lo por unanimidade presidente do Conselho?”. Estas eram as piadas que foram apresentadas com um “projeto” para prender Lenin. Os principais membros

Muitos de seus membros mais ativos participaram na organização do exército, onde, em muitos casos ocuparam cargos importantes.

Outros grupos claramente individualizados se constituíram na época da famosa discussão sobre os sindicatos. Agora que temos a possibilidade de abarcar com um único olhar todo aquele período e de entendê-lo melhor à luz da experiência posterior, comprovamos que a discussão não se referia somente aos sindicatos nem à democracia operária. O que se manifestava naquelas disputas era um profundo mal-estar que imperava dentro do Partido, cuja causa era a excessivo prolongamento do regime econômico do “comunismo de guerra”. Toda a organização econômica do país estava estagnada. A discussão sobre o papel dos sindicatos e da democracia operária escondia, na verdade, a necessidade de uma nova orientação econômica. A solução consistiu em suprimir as requisições compulsórias de alimentos e o monopólio dos cereais, e na gradativa independência da indústria estatal diante da tirania das direções econômicas centrais. Essas decisões históricas foram adotadas por unanimidade e acabaram com toda a discussão sindical, uma vez que, como consequência da instauração da NEP, o papel dos sindicatos foi considerado de forma distinta. Alguns meses mais tarde, foi necessário modificar radicalmente a resolução sobre os sindicatos.

O grupo mais permanente e em certo sentido mais perigoso foi o da “oposição operária”⁶. Refletiu de modo deformado as contradições do “comunismo de guerra”, certos equívocos do Partido, assim como as dificuldades objetivas essenciais da organização socialista. Mas desta vez, tampouco o Partido se limitou a um posicionamento formal. Sobre os problemas da democracia, se adotou uma decisão de princípio, mas, no que diz respeito à depuração do Partido, se elaboraram medidas efetivas, extremamente importantes, que incorporavam o que havia de justo e

6 Tendência que defendia durante a discussão sobre os sindicatos que a gestão da economia fosse transferida a estes. Os principais representantes foram Alexandra Kolontai, Chliapnikov, Kisseliev, Medvédiev, Loutovinov, Koutouzov.

sadio nas críticas e reivindicações da “oposição operária”. E, principalmente, graças às decisões e medidas econômicas adotadas pelo Partido (e cujo resultado foi o desaparecimento das divergências e dos grupos), o X Congresso pôde, tendo razão para crer que sua decisão não careceria de validade, proibir formalmente a constituição de frações. Mas, como o demonstra a experiência e o bom senso político, é evidente que essa proibição, por si só, não era uma garantia absoluta nem tampouco o seria contra o surgimento de novos agrupamentos ideológicos e orgânicos. Neste caso, a garantia essencial é uma direção justa e a atenção nas necessidades do momento, que se refletem no Partido, e a flexibilidade do aparato, que não deve se paralisar e organizar a iniciativa do Partido, que não deve temer a crítica, nem tentar bloqueá-la, por medo ao fracionamento. A decisão do X Congresso, que proibiu as frações, não é por si só uma solução para todas as dificuldades internas do Partido. Seria um “fetichismo organizativo” acreditar que, qualquer que seja o desenvolvimento do Partido, os erros da direção, o conservadorismo do aparato, as influências exteriores, etc., bastaria uma decisão para se preservar dos agrupamentos e das perturbações provocadas pela formação de frações. Acreditar nisso seria uma prova de burocratismo.

Um exemplo evidente nos forneceu a história da organização de Petersburgo. Pouco depois do X Congresso, que proibira a constituição de agrupamentos e frações, surgiu em Petersburgo uma luta acirrada sobre o problema organizativo que originou a formação de dois agrupamentos nitidamente opostos entre si. De início, o mais simples teria sido condená-los, pelo menos um dos agrupamentos. Mas, o Comitê Central se negou categoricamente a empregar este método, que lhe foi sugerido desde Petersburgo. Se colocou como árbitro entre os dois agrupamentos e, finalmente, conseguiu garantir não apenas sua colaboração, mas a sua completa fusão com a organização. Este é um exemplo importante que merece ser lembrado e pode servir para iluminar alguns cérebros burocráticos.

Falamos acima que todo agrupamento importante e permanente dentro do Partido, com maior razão, toda fração organizada, tende a transformar-se em porta-voz de determinados interesses sociais. Todo desvio pode, no curso de seu desenvolvimento, tornar-se expressão dos interesses de uma classe hostil ou semi-hostil ao proletariado. Agora, o burocratismo é um desvio, um desvio perigoso; espere-mos que esta afirmação não seja questionada. No momento em que isto ocorre ameaça em desviar o Partido de sua correta linha, de sua linha de classe; e aqui reside o perigo. Mas (e este é um fato muito instrutivo e ao mesmo tempo um dos mais alarmantes), aqueles que afirmam com maior energia, com maior insistência e até brutalmente, que *toda* divergência de critério, *todo* agrupamento de opinião, até os conjunturais, são expressão dos interesses das classes inimigas do proletariado, não querem aplicar este critério ao burocratismo.

No entanto, o critério social estaria, neste caso, perfeitamente justificado, pois o burocratismo é um mal bem determinado, um desvio notório e inquestionavelmente perigoso, oficialmente condenado, mas que teima em se perpetuar. Por outro lado, é muito difícil conseguir seu súbito desaparecimento. Mas se, tal como afirma a resolução do Comitê Central, o burocratismo ameaça *afastar o Partido das massas* e, portanto, enfraquecer o caráter de classe do Partido, é evidente que a luta contra o burocratismo não poderia ser em nenhum caso o resultado de influências não-proletárias. Pelo contrário, a aspiração do Partido a conservar seu caráter proletário deve inevitavelmente engendrar a resistência ao burocratismo. Evidentemente, sob aparência desta resistência, podem manifestar-se diversas tendências errôneas, nocivas, perigosas. Mas só é possível descobri-las mediante a análise marxista de seu conteúdo ideológico. Mas, quem afirma que a resistência ao burocratismo se identifica com uma luta de grupo que pode servir para introduzir no Partido influências estranhas a ele, se transforma, por isso, no canal das influências burocráticas.

Por outro lado, não devemos entender de modo simplista o pensamento de quem sustenta que as divergências no Partido e, com maior razão, os reagrupamentos não são outra coisa que uma luta de influências de classes opostas. Em 1920, a questão da invasão da Polônia provocou duas correntes de opinião, uma que preconizava uma política mais audaz, a outra, que recomendava prudência. Estas duas correntes constituíam tendências de classes distintas? Não creio que se possa afirmar tal coisa. Tratava-se só de divergência na apreciação da situação de forças e dos meios. O critério essencial era o mesmo para ambas partes.

Ocorre com frequência que o Partido está em condições de resolver um problema por diferentes meios. E se neste caso se produzem discussões, é para saber qual desses meios é o melhor, o mais prático, o mais econômico. Dependendo de qual é o problema que se discute, essas divergências podem interessar a setores consideráveis do Partido, mas, isto não significa que necessariamente exista uma luta entre duas tendências de classe.

Certamente se produzirão ainda numerosas divergências, pois nosso caminho é árduo e tanto as tarefas políticas quanto os problemas econômicos da organização socialista provocarão inevitavelmente divergências de opiniões e agrupamentos conjunturais. A verificação política de todos os matizes de opinião por meio da análise marxista constituirá sempre, para nosso Partido, uma das medidas preventivas mais eficazes. Mas, é esta verificação marxista concreta que há que se recorrer, e não aos clichês que são os instrumentos de defesa do burocratismo. Se poderá controlar muito melhor a ideologia política heterogênea que hoje se levanta contra o burocratismo, e depurá-la de todos os elementos estranhos e nocivos se se empreende seriamente o caminho do “novo curso”; mas isto será impossível sem uma mudança séria na mentalidade e nas intenções do aparato do Partido. De outro modo, assistiremos a uma nova ofensiva do aparato, que rejeitará toda crítica contra o “velho curso”, que já foi formalmente

condenado, mas que ainda não foi liquidado, a pretexto de que se trataria de uma crítica fracional. Se é verdade que as frações são perigosas (na verdade o são), então é um delito fechar os olhos diante do perigo representado pela *fração conservadora burocrática*. E é precisamente contra este perigo que se dirige principalmente a resolução do Comitê Central.

Manter a unidade do Partido é a preocupação principal para a grande maioria dos comunistas. Mas é necessário afirmar abertamente que se existe hoje um sério perigo para a unidade, ou ao menos para a unanimidade do Partido, esse perigo é representado pelo burocratismo desenfreado. Dalí se levantaram vozes provocadoras. Dalí partiu o atrevimento de dizer: não temos medo da cisão. São os representantes desta tendência que alimentam do passado, buscando nele tudo que possa introduzir maior aspereza na discussão; eles reanimam artificialmente as lembranças da velha luta, da velha cisão para habituar insensivelmente o espírito do Partido à possibilidade de um delito tão monstruoso, tão funesto, como seria uma nova cisão. Procuram opor a necessidade de um regime menos burocrático à necessidade de unidade, que é viva no Partido.

Se o Partido se deixasse influenciar, sacrificaria assim os elementos vitais de sua democracia, chegar-se-ia a uma luta interna mais áspera e resultaria seriamente quebrada sua coesão. Não se pode pretender que o Partido tenha confiança no aparato quando é o aparato que não tem confiança no Partido. O problema está aqui. A preconceituosa desconfiança da burocracia com relação ao Partido, a sua consciência e espírito de disciplina, é a causa de todos os males produzidos pelo domínio do aparato. O Partido não quer as frações e não as tolerará. É simplesmente monstruoso acreditar que o Partido destroçará ou permitirá que alguém destroce seu aparato. O Partido sabe que o aparato está composto pelos elementos mais valiosos que encarnam a maior parte da experiência do passado. Mas o Partido quer renovar o aparato, e lembra que é *seu aparato*, que

foi escolhido *pelo Partido*, e que não pode afastar-se dele.

Refletindo adequadamente sobre a situação criada no Partido e que se evidenciou de modo claro no curso da discussão, se verá que o futuro nos apresenta sob uma dupla perspectiva: ou o reagrupamento ideológico orgânico que se formou agora no Partido sobre a base das resoluções do Comitê Central constitui um passo adiante no caminho do desenvolvimento orgânico de todo o Partido, significa o começo de um novo capítulo (e esta é para todos nós a solução mais desejável e mais fecunda para o Partido, que resolverá facilmente os excessos na discussão e na oposição e, com maior razão, das tendências democráticas vulgares), ou então, passando à contraofensiva, o aparato cairá, em certa medida sob controle dos seus elementos mais conservadores e, a pretexto de combater as frações, fará retroceder o Partido e reestabelecerá a “calma”. Esta segunda possibilidade é incomparavelmente mais dolorosa; não impedirá, obviamente, o desenvolvimento do Partido, mas este desenvolvimento se conseguirá a preço de grandes esforços e sérios transtornos, pois, este método alimentará ainda mais as tendências nocivas, que se opõem ao Partido e que ameaçam dissolvê-lo. Tais são as duas possibilidades que devemos considerar.

Minha carta sobre o “novo curso” tinha por finalidade ajudar o Partido a percorrer o primeiro caminho, que é o mais justo e mais econômico. E mantenho totalmente seus termos, rejeitando toda interpretação tendenciosa ou falsa.

Pravda, 28 de dezembro de 1923

4 O burocratismo e a revolução (projeto de informe que o autor depois não redigiu)

1. As condições essenciais que além de obstaculizar a realização do ideal socialista muitas vezes constituem para a revolução uma fonte de provas penosas e graves perigos são suficientemente conhecidas. Elas são: a) as contradições sociais internas da revolução que, na época do “comunismo de guerra”, eram automaticamente reprimidas mas que, sob a NEP, se desenvolvem fatalmente e tentam encontrar uma expressão política; b) a ameaça contrarrevolucionária que representam para a República Soviética os Estados imperialistas.
2. As contradições sociais da revolução são contradições de classe. Quais são as classes fundamentais em nosso país? Elas são: a) o proletariado; b) o campesinato; c) a nova burguesia, com o setor de intelectuais burgueses que o recobre.

Do ponto de vista econômico e político, o primeiro lugar é ocupado pelo proletariado organizado no Estado e o campesinato que proporciona os produtos agrícolas predominantes em nossa economia. A nova burguesia desempenha principalmente o papel intermediário entre a indústria soviética e a agricultura, assim como entre os diferentes setores dessa indústria e os diferentes ramos da economia rural. Mas não se limita a

ser um intermediário comercial mas também assume parcialmente o papel de organizador da produção.

3. Fazendo abstração da velocidade do desenvolvimento da revolução proletária no ocidente, a marcha de nossa revolução estará determinada pelo crescimento proporcional dos três elementos fundamentais da nossa economia: indústria soviética, agricultura, capital comercial e indústria privada.
4. As analogias históricas com a grande revolução francesa (queda dos jacobinos) que estabelecem o liberalismo e o menchevismo, e com as que procuram se consolar, são superficiais e inconsistentes. A queda dos jacobinos estava predeterminada pela falta de maturidade das relações sociais: a esquerda (artesãos e comerciantes arruinados), privada da possibilidade de desenvolvimento econômico não podia se constituir num apoio firme para a revolução; a direita (burguesia) crescia inevitavelmente; além disso, a Europa, econômica e politicamente atrasada, impedia que a revolução se estendesse além dos limites da França.

Em todos estes aspectos, nossa situação é incomparavelmente mais favorável. No nosso caso, o centro, juntamente com a esquerda da revolução, é o proletariado, cujas tarefas e objetivos coincidem totalmente com a realização do ideal socialista. O proletariado é politicamente tão forte que, ao permitir dentro de certos limites, a formação ao seu lado de uma nova burguesia, permite que o campesinato participe no poder do Estado, não por meio da burguesia e dos partidos pequeno-burgueses, mas diretamente, fechando desse modo à burguesia o acesso à vida política. A situação econômica e política da Europa não somente não exclui senão que torna inevitável a extensão da revolução em seu território. Enquanto que na França a política dos jacobinos, apesar de ser mais clarividente, era incapaz de modificar radicalmente o curso dos acontecimentos, entre nós, onde a situação é infinitamente mais favorável, a correção de uma orientação política adotada

de acordo com os métodos do marxismo será por um longo tempo um fator decisivo para salvaguardar a revolução.

5. Aceitemos a hipótese histórica mais desfavorável para nós. Se se produzisse um rápido desenvolvimento do capital privado, isto significaria que a indústria e o comércio soviéticos, incluída a cooperação, não asseguraram a satisfação das necessidades da economia camponesa. Além disso, demonstraria que o capital privado se interpõe cada vez mais entre o Estado operário e o campesinato, ganha influência econômica e, portanto, política, sobre este último. É evidente que semelhante ruptura entre a indústria soviética e a agricultura, entre o proletariado e o campesinato, constituiria um grave perigo para a revolução proletária, um sintoma da possibilidade de triunfo da contrarrevolução.
6. Quais são as vias políticas que poderiam conduzir à vitória da contrarrevolução se as hipóteses *econômicas* que acabamos de expor se concretizassem? Poderia haver várias: a queda do partido operário, sua degeneração progressiva, uma degeneração parcial acompanhada de cisões e de perturbações contrarrevolucionárias. A realização de uma ou outra dessas possibilidades dependerá, sobretudo, da *rapidez* do desenvolvimento econômico. Caso o capital privado chegue pouco a pouco, lentamente, a dominar o capital soviético, o aparato soviético sofreria provavelmente uma degeneração burguesa com as conseqüências que isso acarretaria para o Partido. Se o capital privado crescesse rapidamente e chegasse a se vincular, a se soldar com o campesinato, as tendências contrarrevolucionárias ativas direcionadas contra o Partido provavelmente prevaleceriam. Se expomos de forma crua essas hipóteses, é porque não é evidente que as consideramos historicamente prováveis (pelo contrário, sua probabilidade é mínima), senão porque somente esse modo de colocar o problema permite uma orientação correta e, conseqüentemente, a adoção de todas as medidas preventivas pos-

síveis. Nossa superioridade, como marxistas, consiste na nossa capacidade de distinguir e captar as novas tendências e os novos perigos, ainda no caso destes estarem em estágio embrionário.

7. A conclusão do que acabamos de dizer a respeito do aspecto econômico nos remete ao problema das “tesouras”⁷, isto é, à organização racional da indústria, a sua coordenação com o mercado camponês. Perder tempo nesta situação específica implica reduzir nossa luta contra o capital privado. E esta é a tarefa principal, a chave essencial do problema da revolução e do socialismo.
8. Se o perigo contrarrevolucionário surge (como dizemos) de determinadas relações sociais, isto não significa que, com uma política correta não se possa prevenir o perigo (ainda que em condições econômicas desfavoráveis para a revolução), diminuí-lo, afastá-lo, adia-lo. Entretanto, conseguir adiar o perigo pode ser a salvação da revolução, assegurando-lhe ou uma virada favorável na economia interna, ou aproximando-a da revolução vitoriosa na Europa.

Por isso, sobre a base da política econômica indicada anteriormente, é necessária uma determinada política do Estado e do Partido (inclusive uma determinada política dentro do Partido), que tenha por objetivo contrabalançar a acumulação e o fortalecimento das

7 Em 1923 estourou a primeira crise econômica da NEP, já em vigor fazia dois anos, que implicou reduções dos salários e supressões de empregos, motivando uma onda de greves espontâneas. Essa crise ficou chamada de Crise das Tesouras, porque em um dos informes econômicos das reuniões do Partido, exposta em um informe por Trotsky através de um gráfico em forma de tesoura, onde duas retas, uma declinante e outra ascendente cruzavam-se, representando respectivamente a trajetória dos preços agrícolas e dos preços dos produtos manufaturados. Mostrava que havia uma defasagem entre os preços dos produtos agrícolas e manufaturados decorrente da recuperação da produção agrária, proporcionada pela NEP que havia liberalizado o mercado, não acompanhada pelo volume de produtos das indústrias soviéticas, mas dependente da atuação do Estado soviético. [Nota da tradução].

tendências direcionadas contra a ditadura da classe operária e alimentadas pelas dificuldades e fracassos do desenvolvimento econômico.

9. A heterogeneidade da composição social do nosso Partido reflete as contradições objetivas do desenvolvimento da revolução, com as tendências e perigos que daí derivam:
 - as células de fábrica que asseguram a vinculação entre o Partido e a classe fundamental da revolução representam uma sexta parte dos efetivos do Partido;
 - apesar de todos os aspectos negativos, as células das instituições soviéticas asseguram ao Partido a direção do aparato do Estado; também sua importância é considerável; os velhos militantes participam em grande medida na vida partidária através destas células;
 - as células rurais dão ao Partido uma certa vinculação (muito fraca ainda) com o campo;
 - as células militares realizam a vinculação do Partido com o exército e, através dele, com o campo (principalmente);
 - finalmente, nas células das instituições de ensino, todas essas tendências e influências se mesclam e entrecruzam.
10. Por sua composição de classe, as células de fábrica são, evidentemente, fundamentais. Mas, na medida em que constituem apenas uma sexta parte do Partido e seus elementos mais ativos foram retirados, para ocupar cargos no aparato do Partido ou no Estado, o Partido não pode, infelizmente, apoiar-se unicamente (ou nem sequer preferencialmente) nelas.
11. As tendências contrarrevolucionárias podem encontrar apoio nos kulaks, nos intermediários, nos revendedores, nos concessionários, em síntese, entre elementos muito mais capazes de absorver o aparato de Estado que o próprio Partido.
Somente as células camponesas e militares poderiam estar ameaçadas por uma influência mais direta e até por uma penetração por parte dos kulaks. Entretanto-

to, a diferenciação do campesinato representa um fator capaz de contrabalançar esta influência. A não admissão de kulaks no exército (inclusive nas divisões territoriais) deve continuar sendo uma regra inviolável e, além disso, transformar-se num fator essencial da educação política da juventude rural, das unidades militares e principalmente das células militares.

Os operários garantirão seu papel dirigente nas células militares contrapondo politicamente as massas rurais trabalhadoras do exército aos setores renascidos dos kulaks. Esta oposição deverá igualmente ser explicada. O êxito desta ação evidentemente dependerá, em definitivo, da medida em que a indústria consiga satisfazer as necessidades do campo.

Mas seja qual for a rapidez do nosso desenvolvimento econômico, nossa linha política fundamental nas células militares deve estar direcionada não apenas contra a nova burguesia, mas também, antes de tudo, contra o setor dos kulaks, único apoio sério e viável de todas as tentativas contrarrevolucionárias. Deste ponto de vista, é necessária uma análise mais minuciosa dos diferentes elementos do exército no que se refere à sua composição social.

12. É inegável que por meio das células rurais e militares se infiltram e se infiltrarão no Partido tendências que refletem mais ou menos o campo, com as características especiais que o distinguem da cidade. Se não acontecesse assim, as células rurais não teriam nenhum valor para o Partido.

As modificações do estado de ânimo que se manifestam nas células constituem para o Partido um aviso ou uma advertência. As possibilidades de dirigir essas células de acordo com a linha do Partido dependem da correção da direção geral do Partido, bem como de seu regime interno e, finalmente, de nossos êxitos na solução do problema decisivo.

13. O aparato de Estado é a causa principal do burocratismo. De um lado, absorve uma grande quantidade

de elementos mais ativos do Partido e ensina aos mais capazes os métodos de administrar os homens e as coisas, mas não a direção política das massas. Por outro lado, monopoliza em grande medida a atenção do aparato do Partido, ao qual influencia com seus métodos administrativos.

Essa é a causa em grande medida do burocratismo do aparato, que ameaça separar o Partido das massas. Precisamente, este perigo é agora mais evidente e imediato. Nas condições atuais, a luta contra os outros perigos deve começar com a luta contra o burocratismo.

14. É indigno de um marxista considerar que o burocratismo é apenas o conjunto de maus hábitos dos empregados de escritório. O burocratismo é um fenômeno social enquanto sistema determinado de administração dos homens e das coisas. Suas causas mais profundas são a heterogeneidade da sociedade, a diferença dos interesses cotidianos e fundamentais dos diferentes grupos da população. O burocratismo se complica devido à carência de cultura das massas. Entre nós, a causa essencial do burocratismo reside na necessidade de criar e sustentar um aparato estatal que junte os interesses do proletariado com os do campesinato numa harmonia econômica perfeita da qual ainda estamos muito longe. A necessidade de sustentar permanentemente um exército é também outra causa importante do burocratismo.

É evidente que os fenômenos sociais negativos que acabamos de enumerar e que alimentam agora o burocratismo poderiam, se continuassem se desenvolvendo, colocar em perigo a revolução. Já mencionamos anteriormente esta hipótese: o crescente desacordo entre a economia soviética e a economia camponesa, o fortalecimento dos kulaks no campo, sua aliança com o capital comercial e industrial privados seriam, devido ao nível cultural das massas trabalhadoras do campo e em parte da cidade, a causas dos eventuais perigos contrarrevolucionários.

Em outras palavras, o burocratismo no aparato de Estado e no Partido é a expressão das piores tendências inerentes a nossa situação, dos defeitos e dos desvios do nosso trabalho que, sob determinadas condições sociais, podem socavar as bases da revolução. E neste caso, como em muitos outros, a quantidade, alcançando um determinado grau, se transformará em qualidade.

15. A luta contra o burocratismo do aparato estatal é uma tarefa excepcionalmente importante, mas exige muito tempo, e mais ou menos paralelamente às nossas outras tarefas fundamentais: a reconstrução econômica e a elevação do nível cultural das massas.

O instrumento histórico mais importante para a realização de todas estas tarefas é o Partido. Evidentemente, o Partido não pode prescindir das condições sociais e culturais do país. Mas, como organização voluntária da vanguarda dos melhores elementos, os mais ativos, os mais conscientes da classe operária, pode, em maior medida que o aparato do Estado, precaver-se contra as tendências do burocratismo. Para isso, deve enxergar claramente o perigo e combatê-lo sem descanso.

Daí a enorme importância da educação da juventude do Partido, baseada na iniciativa pessoal, se se quer modificar o funcionamento do aparato do Estado e transformá-lo.

5 Tradição e política revolucionária

O problema das relações entre a tradição e a política do Partido não é simples, principalmente hoje. Nestes últimos anos, falamos muitas vezes da enorme importância da tradição teórica e prática do nosso Partido e declaramos que, em hipótese alguma, podíamos permitir a ruptura de nossa filiação ideológica. Mas, devemos determinar muito bem o modo de conceber a tradição do Partido. Para isso, começaremos com exemplos históricos com os quais reforçaremos nossas conclusões.

Tomemos o “clássico” partido da Segunda Internacional: a socialdemocracia alemã. Sua política “tradicional” semi-secular se baseava na adaptação do partido ao regime parlamentar e no crescimento ininterrupto da organização, da sua imprensa e de suas finanças. Esta tradição, que não é totalmente estranha, tinha um caráter semiautomático: cada dia derivava naturalmente do anterior e, também naturalmente, preparava o seguinte. A organização crescia, a imprensa se desenvolvia e as finanças aumentavam.

Neste automatismo se formou toda a geração que sucedeu a Bebel: uma geração de burocratas, de filisteus, de espíritos obtusos, cuja fisionomia política se evidenciou quando começou a guerra imperialista. Em cada um dos congressos da socialdemocracia se falava invariavelmente da velha tática do partido consagrada pela tradição. E, de

fato, a tradição era poderosa. Era uma tradição automática, desprovida de espírito crítico, conservadora, que concluiu sufocando a vontade revolucionária do partido.

A guerra liquidou definitivamente o “tradicional” equilíbrio da vida política alemã. Desde os primeiros momentos de sua existência oficial, o jovem partido comunista entrou num período tempestuoso de crises e perturbações. Porém, no curso de sua história relativamente curta, é possível distinguir o papel não apenas criador, mas também conservador da tradição que, em cada etapa, em cada virada, se enfrenta com as necessidades objetivas do movimento e da consciência crítica do Partido.

No primeiro período de existência do comunismo alemão, a luta direta pelo poder representava a tradição, a tradição heroica. Os terríveis acontecimentos de março de 1921 revelaram que o partido não tinha ainda suficientes forças para alcançar esse objetivo. Teve de mudar de tática e empreender a luta *pelas massas* antes de recomeçar a luta direta *pele poder*.

Essa mudança foi difícil de realizar, pois se opunha a uma nova tradição. Atualmente, no partido russo, se relembram todas as divergências de critérios, inclusive os mais insignificantes, que surgiram no Partido ou em seu Comitê Central durante estes últimos anos. Talvez conviesse relembrar a diferenciação fundamental que se manifestou durante o III Congresso da Internacional Comunista. É evidente agora, que a virada ocorrida então sob a direção de Lenin, apesar da resistência encarniçada de um setor inicialmente considerável da maioria do congresso, salvou literalmente a Internacional do aniquilamento e da desagregação com que era ameaçada pelo “esquerdismo” automático, desprovido de espírito crítico, que, por um breve lapso de tempo, se tinha se constituído em rígida tradição.

Depois do III Congresso, O Partido Comunista Alemão realizou, com bastante dificuldade, a mudança necessária. Então começou o período da luta para conquistar às massas sob a consigna da frente única, com longas nego-

ciações e outros procedimentos pedagógicos. Esta tática durou mais de dois anos e deu excelentes resultados. Mas, ao mesmo tempo, esses novos procedimentos prolongados de propaganda se transformam ... em uma nova tradição semiautomática, cujo papel foi muito importante nos acontecimentos do segundo semestre de 1923.

Atualmente, é inegável que o período que vai de maio (começo da resistência no Ruhr) ou de julho (esmagamento desta resistência) até novembro, momento em que o general Seeckt toma o poder, constitui na vida da Alemanha uma fase de crise aguda e sem precedentes. A resistência da Alemanha republicana semi-moribunda de Ebert-cuno oposta ao militarismo francês é esmagada, arrastando com ela o lastimável equilíbrio social e político do país. A catástrofe do Ruhr desempenhou em certa medida para a Alemanha “democrática” o mesmo papel que cinco anos antes desempenhou para o regime dos Hohenzollern a derrota das tropas alemãs.

Desvalorização inusitada do marco alemão. Caos econômico, efervescência e incertezas gerais, desagregação da socialdemocracia, afluxo constante de operários às fileiras comunistas, expectativa generalizada de um golpe de Estado ... Se o partido comunista tivesse modificado bruscamente a orientação do seu trabalho e tivesse dedicado os cinco ou seis meses que lhe concedia a história a uma preparação direta, política, orgânica e técnica da tomada do poder, o desenlace dos acontecimentos teria sido muito diferente daquele produzido em novembro.

Mas o partido alemão entrou na nova fase desta crise, talvez sem precedentes na história mundial, armado somente com os procedimentos utilizados durante os dois anos anteriores e que estavam destinados, por meio da propaganda, a estabilizar sua influência sobre as massas. Naquele momento, era necessária uma nova orientação, um novo tom, uma nova forma de abordar as massas, uma nova interpretação e uma nova aplicação da frente única, novos métodos de organização e de preparação técnica, em síntese, uma brusca mudança tática. O proletariado teria

de ter visto em ação um partido revolucionário, que se dirigisse diretamente à conquista do poder.

Mas o partido alemão continuava, no fim das contas, sua política de propaganda, ainda que em grande escala. Somente em outubro adotou uma nova orientação. Mas, naquele momento já lhe sobrava pouco tempo para desenvolver sua iniciativa. Adotou um ritmo acelerado, as massas não puderam acompanhá-lo, a insegurança do partido contagiou o proletariado e, no momento decisivo, o partido se recusou a combater.

Se o partido cedeu sem resistência a posições excepcionais, isso ocorreu principalmente porque não soube, no início da nova fase (maio-junho de 1923), livrar-se do automatismo de sua política anterior, estabelecida como se fosse durar muitos anos e colocar decididamente na agitação, na ação, na organização e na técnica, o problema da tomada do poder.

O tempo é um elemento muito importante em política, particularmente numa época revolucionária. Muitas vezes se necessitam anos e dezenas de anos para recuperar alguns meses perdidos. O mesmo nos teria acontecido se nosso partido não tivesse tomado a iniciativa em abril de 1917 e não tivesse tomado o poder em outubro. Entretanto, temos motivos para crer que o proletariado alemão não pagará demasiado caro sua vacilação, pois a estabilidade do atual regime alemão, devido à situação internacional, é mais do que duvidosa.

É evidente que como elemento conservador, como pressão automática do passado sobre o presente, a tradição representa uma força extremamente importante a serviço dos partidos conservadores, e profundamente hostil para um partido revolucionário. Toda a força deste último reside precisamente, em sua liberdade em relação ao tradicionalismo conservador. Isto não significa de nenhum modo que seja livre em relação à tradição em geral. Mas a tradição de um partido revolucionário é algo muito diferente.

Se se considera, por exemplo, o nosso partido bolchevique em seu passado revolucionário e no período seguin-

te a Outubro, se reconhecerá que sua qualidade tática mais importante e valiosa é a sua aptidão inigualável para orientar-se rapidamente, para mudar de tática, para renovar seu armamento e para aplicar novos métodos, em síntese, para operar bruscas mudanças. As difíceis condições históricas tornaram necessária esta tática, e o gênio de Lênin lhe deu sua forma superior. Isto não quer dizer que nosso partido esteja totalmente livre de um certo tradicionalismo conservador: um partido de massas não pode ter semelhante liberdade ideal. Mas sua força se manifestou no fato de que o tradicionalismo, a rotina, estavam reduzidos ao mínimo devido a uma iniciativa tática clarividente, profundamente revolucionária, ao mesmo tempo audaz e realista. Nisto consiste e deve consistir a verdadeira tradição do partido.

A burocratização mais ou menos extensa do aparato do partido vem acompanhada inevitavelmente do desenvolvimento do tradicionalismo conservador com todos seus defeitos. É preferível exagerar este defeito do que subestimá-lo. O fato de que os elementos mais conservadores do aparato tendam a identificar suas opiniões, suas decisões, seus procedimentos e seus equívocos com o “velho bolchevismo” e procurarem assimilar a crítica do burocratismo como destruição da tradição, é a expressão inquestionável de certa petrificação ideológica.

O marxismo é um método de análise histórico, de orientação política e não um conjunto de decisões previamente preparadas. O leninismo é a aplicação desse método às condições de uma época histórica excepcional. É precisamente esta aliança das particularidades do momento com o método o que determina a política audaz, segura de si mesma, das *mudanças bruscas*, cujos melhores exemplos nos foram dados por Lênin e que, ao mesmo tempo, em várias ocasiões, explicou e generalizou no plano teórico.

Marx dizia que os países adiantados oferecem em certa medida a imagem do seu futuro aos países atrasados. Desta proposição condicional se tentou fazer uma lei absoluta que esteve na base da “filosofia” do menchevismo

russo. Por isso, fixavam ao proletariado limites que derivavam não da marcha da luta revolucionária, mas sim de um esquema mecânico. E o marxismo menchevique era e continua sendo unicamente a expressão das necessidades da sociedade burguesa, expressão adaptada a uma “democracia” atrasada. Na verdade, a Rússia, devido aos fenômenos extremamente contraditórios de sua economia e sua política, foi a primeira a percorrer o caminho da revolução proletária.

Nem a revolução de Outubro, nem Brest-Litovsk, nem a criação de um exército camponês regular, nem o sistema de requisições de alimentos, nem a NEP e nem o plano do Estado foram, nem podiam ser previstos ou predeterminados pelo marxismo ou pelo bolchevismo antes de Outubro. Todos esses fatos e todas essas mudanças foram o resultado da aplicação autônoma, independente e crítica, caracterizada pelo espírito de iniciativa e pelos métodos do bolchevismo, em uma situação a cada momento diferente.

Cada decisão, antes de ser adotada, provocava grandes discussões. A mera referência à tradição nunca foi um fator decisivo. Diante de cada tarefa, em cada nova mudança, não se trata de buscar na tradição uma resposta inexistente, a não ser aproveitar toda a experiência do Partido para encontrar por si mesmo, uma nova solução adequada à situação e, desse modo, enriquecer a tradição. Também se pode dizer que o leninismo consiste em não olhar para trás, em não se deixar influenciar pelos precedentes, referências e citações puramente formais.

O próprio Lênin expressou recentemente este pensamento com uma frase de Napoleão: *on s'engage et puis on voit*⁸. Dito de outro modo, uma vez embarcado na luta, não se prender demasiadamente aos modelos e aos precedentes, aprofundar na realidade tal qual é e buscar nela as forças necessárias para a vitória e os caminhos que nos conduzem a ela. Por seguir esta orientação, Lênin foi acusado em seu próprio partido, não uma só vez, mas dezenas de vezes, de violar a tradição e repudiar o “velho bolchevismo”.

8 “Nos envolvemos [entramos na batalha] e depois se vê”.

Lembremos que os *otsovistas*⁹ intervinham invariavelmente com o pretexto da defesa das tradições bolcheviques contra o desvio leninista. Sob a pele do “velho bolchevismo”, na verdade sob a pele da tradição formal, fictícia, equivocada, tudo que havia de rotineiro no Partido se sublevou contra as “teses de abril”, de Lênin. Um dos historiadores do nosso Partido (os historiadores do nosso Partido não tiveram até agora muita sorte) dizia-me, em um dos momentos mais cruciais dos acontecimentos de outubro: “Não estou com Lênin, porque sou um velho bolchevique e continuo sendo partidário da ditadura democrática do proletariado e do campesinato”. A luta dos “comunistas de esquerda” contra a paz de Brest-Litovsk e a favor da guerra revolucionária também se fez em nome da integridade da tradição revolucionária do Partido, da pureza do “velho bolchevismo”, que havia de proteger dos perigos do oportunismo de Estado. É inútil lembrar que toda a crítica da “oposição operária” era, em síntese, uma acusação ao partido de violar as velhas tradições. Recentemente, vimos os interpretes mais oficiais das tradições do Partido no problema nacional entrar em contradição com as necessidades da política do Partido no que se refere a esse problema, assim como com a posição de Lênin.

9 Grupo oportunista que surgiu entre os bolcheviques em 1908. Encobrendo-se com frases revolucionárias, os otzovistas exigiam a retirada dos deputados sociais-democratas da III Duma de Estado e a cessação do trabalho nas organizações legais. Declarando que nas condições da reação o partido só devia realizar um trabalho clandestino, os otzovistas renunciavam à participação na Duma, nas uniões operárias profissionais, nas cooperativas e outras organizações de massas legais e semilegais, e consideravam necessário concentrar todo o trabalho do partido no âmbito da organização clandestina. Uma variante do otzovismo foi o ultimatismo. Nas condições da reação posterior à derrota da Revolução de 1905, quando o Partido Bolchevique, encontrando-se na clandestinidade, utilizava todas as possibilidades legais para conservar a ligação com as massas e preparar um novo ascenso revolucionário, o Otzovismo punha entraves ao mesmo. Em 1909, na reunião do conselho de redação do periódico bolchevique Proletari (que de fato era o centro bolchevique), o Otzovismo foi condenado como incompatível com o bolchevismo.

Poderíamos multiplicar estes exemplos e fornecer uma grande quantidade de outros historicamente menos importantes, porém igualmente convincentes. O que acabamos de afirmar é suficiente para demonstrar que cada vez que as condições objetivas exigem uma mudança, uma virada audaz, uma iniciativa criadora, a resistência conservadora manifesta uma tendência natural a opor às novas tarefas, às novas condições, à nova orientação, as “velhas tradições”, ao pretendido “velho bolchevismo”, na realidade o involucro vazio de um período que deixamos para trás.

Quanto mais fechado em si mesmo estiver o Partido, mais impregnado estará do sentimento de sua importância intrínseca, reage mais lentamente diante das necessidades das bases e tende a opor com maior intensidade a tradição formal às novas necessidades e às novas tarefas. E se existe algo capaz de golpear mortalmente a vida espiritual do Partido e à formação doutrinária da juventude, esse algo é a transformação do leninismo, método que requer em sua aplicação a iniciativa, o pensamento crítico e a audácia ideológica, em um dogma que só exige interpretes escolhidos definitivamente.

Não se pode conceber o leninismo sem poder teórico, sem uma análise crítica das bases materiais do processo político. É preciso aguçar e aplicar incansavelmente a arma da investigação marxista. Nisto consiste a tradição e não na substituição da análise pela referência formal ou uma citação casual. O leninismo não poderia conciliar-se com a superficialidade ideológica e a negligência teórica.

Não se pode fragmentar o pensamento de Lênin em citações apropriadas para todos os casos, pois para Lênin, a fórmula nunca está acima da realidade, é sempre um instrumento que permite assimilar a realidade e dominá-la. Podem se encontrar facilmente em Lênin dezenas e centenas de frases que formalmente parecem se contradizer. Mas há que observar não a relação formal de um texto com outro, senão a relação de cada um deles com a realidade concreta na qual a formulação foi introduzida como uma alavanca. A verdade leninista é sempre concreta.

Como sistema de ação revolucionária, o leninismo pressupõe um sentido revolucionário estimulado pela reflexão e pela experiência equivalente, no campo social, à sensação muscular no trabalho físico. Mas não há que confundir o sentido revolucionário com o olfato oportunista. Este último pode fornecer êxitos efêmeros, algumas vezes inclusive sensacionais, mas é um instinto político de ordem menor que sempre procura a linha de menor resistência. Enquanto que o leninismo procura colocar e resolver os problemas revolucionários fundamentais, superar os principais obstáculos. Sua contrapartida demagógica consiste em iludir os problemas, em provocar o apaziguamento ilusório, em adormecer o pensamento crítico.

O leninismo é antes de tudo o realismo, a melhor apreciação qualitativa e quantitativa da realidade, do ponto de vista da ação revolucionária. Também é inconciliável com a fuga da realidade, com a passividade, com a perda de tempo, com a justificação altiva dos erros do passado a pretexto de salvar a tradição do Partido.

O leninismo é a independência verdadeira dos preconceitos, do doutrinário moralizante e de todas as formas do conservadorismo espiritual. Mas, acreditar que o leninismo significa que “tudo está permitido” seria um erro irreparável. O leninismo sintetiza a moral, não formal, mas verdadeiramente revolucionária, da ação das massas e do Partido de massas. Nada lhe é tão estranho quanto a arrogância do funcionário e o cinismo burocrático. Um partido de massas tem sua moral, que é o vínculo entre os combatentes em e para a ação. A demagogia é inconciliável com o espírito de um partido proletário porque é uma falácia: ao dar uma solução simplificada às dificuldades do momento socava inevitavelmente o futuro e enfraquece a confiança do Partido em sim mesmo.

Diante da dificuldade e confrontada a um sério perigo, a demagogia se transforma facilmente em pânico. Ora, é difícil justapor, ainda que no papel, o pânico e o leninismo.

O leninismo combate com unhas e dentes. Mas a guerra é impossível sem astúcia, sem subterfúgios, sem enga-

nos. A astúcia em um combate vitorioso é um elemento constitutivo da política leninista. Mas, ao mesmo tempo, o leninismo é a suprema honestidade revolucionária em relação ao Partido e à classe operária. Não emprega nem a ficção, nem a autopromoção, nem a falsa grandeza.

O leninismo é ortodoxo, obstinado, irreduzível, mas não implica nem formalismo, nem dogma, nem burocratismo. Na luta, pega o touro pelos chifres. Pretender transformar as tradições do leninismo em uma garantia dogmática da infalibilidade de todas as frases e pensamentos dos interpretes destas tradições, significa ridicularizar a verdadeira tradição revolucionária e transformá-la em burocratismo oficial. É ridículo e inútil tentar hipnotizar um grande partido revolucionário com a repetição das mesmas fórmulas, mediante as quais teria de se buscar a linha correta, não na essência de cada problema, nem tampouco analisando e resolvendo corretamente esse problema, mas em informações de caráter ... biográfico.

No que a mim se refere, direi que não considero o caminho pelo qual cheguei ao leninismo menos seguro que o dos outros. Meu comportamento ao serviço do Partido constitui a única garantia; não posso dar outra. E, se se quer colocar a questão no plano das investigações biográficas, então há que fazê-lo como se deve.

Então teria de responder a perguntas espinhosas: todos os que foram fieis ao mestre nas pequenas coisas o foram também nas grandes? Todos os que mostraram docilidade na presença do mestre deram garantias com isso que continuariam sua obra em sua ausência? Mas não tenho intenção de analisar estes problemas tomando como exemplo determinados camaradas com os quais, no que diz respeito a mim, quero continuar trabalhando em bons termos.

Sejam quais forem as futuras dificuldades e divergências de opiniões, só conseguiremos triunfar com o trabalho coletivo do pensamento do Partido, verificando a todo momento a si mesmo e desse modo a continuidade do seu desenvolvimento.

Este caráter da tradição revolucionária está vinculado ao caráter particular da disciplina revolucionária. Onde a tradição é conservadora, a disciplina é passiva e se quebra perante o primeiro sintoma de crise. Onde, como no nosso Partido, a tradição consiste na mais alta atividade revolucionária, a disciplina alcança seu ponto máximo, pois sua importância decisiva se verifica constantemente na ação. Vai daí a aliança indestrutível da iniciativa revolucionária, da elaboração crítica e audaz dos problemas, com a disciplina férrea no momento da ação. E somente por meio dessa atividade superior, os jovens podem receber ensinamentos dos mais velhos e continuar com essa tradição de disciplina.

Nós valorizamos mais do que ninguém as tradições do bolchevismo. Mas, não identificamos o bolchevismo com o burocratismo, nem a tradição com a rotina oficial.

6 A “subestimação do campesinato”

Alguns camaradas adotaram, em matéria de crítica política, métodos muito particulares: por exemplo, afirmam que me equivoco hoje nesta ou naquela questão, porque não tive razão em um determinado problema, há quinze anos atrás.

Este método simplifica consideravelmente minha tarefa. Mas, o que teria de se fazer é estudar os problemas atuais em si mesmos.

Uma questão colocada há muitos anos está há muito tempo esgotada e julgada pela história e, para referir-se a ela, não é preciso de grandes esforços de inteligência; somente é preciso memória e boa fé. Mas, nesse sentido, não posso dizer que seja sempre a postura dos meus críticos. E vou provar com um exemplo referente a um dos problemas mais importantes.

Um dos argumentos favoritos em alguns setores nos últimos tempos é indicar (sobretudo indiretamente) que eu “subestimo” o papel do campesinato. Mas, inutilmente se buscará nos meus adversários uma análise desta questão, fatos, citações; em uma palavra, qualquer tipo de prova. Quase sempre seus argumentos são reduzidos a referências à teoria da “revolução permanente” e a duas ou três rumores de antessala. Nada mais, nada menos.

Em relação à teoria da revolução permanente, não vejo nenhuma razão para renegar o que escrevi em 1904, 1905, 1906 e depois. Agora insisto em considerar que as ideias que desenvolvi naquela época estão no seu conjunto, muito mais próximas do verdadeiro leninismo que a maioria dos escritos publicados por muitos bolcheviques. A expressão “revolução permanente” pertence a Marx, que o aplicou à revolução de 1848. Na literatura marxista revolucionária, essa formulação sempre foi utilizada. Franz Mehring a utilizou para se referir à revolução 1905-1907. A Revolução Permanente é a revolução contínua, sem interrupção. Qual é o pensamento político que se tenta sintetizar nesta expressão?

Para nós, comunistas, este pensamento é a afirmação de que a revolução não termina depois de uma determinada conquista política, após a obtenção de uma reforma social, mas continua desenvolvendo-se até a realização do socialismo integral. Uma vez que começa a revolução (na qual participamos e dirigimos), em nenhum caso a interrompemos em uma etapa formalmente determinada.

Pelo contrário, não deixamos de realizar e levar adiante esta revolução, de acordo com a situação, enquanto ela não esgotou todas as possibilidades e todos os recursos do movimento. Este conceito aplica-se tanto às conquistas da revolução em um país quanto à sua expansão no âmbito internacional. No caso da Rússia, esta teoria significava: o que necessitamos não é a república burguesa, nem a ditadura democrática do proletariado e do campesinato, mas o governo operário apoiado pelo campesinato, que inicie a era da revolução socialista internacional.

Assim, a ideia da revolução permanente coincide totalmente com a linha estratégica fundamental do bolchevismo. Na verdade, isso poderia não ser enxergado desse modo há 15 anos atrás. Mas é impossível não compreendê-la e não reconhecê-la agora quando as formulações gerais foram demonstradas pela experiência.

Não é possível encontrar nos meus escritos da época

a menor tentativa de “passar por cima” do campesinato. A teoria da revolução permanente conduzia *diretamente ao leninismo e, em especial, às Teses de Abril de 1917*. No entanto, essas teses que predeterminaram a política do nosso partido, em direção a outubro, na época da insurreição provocaram, como sabemos, o pânico em muitos dos que agora falam com santo horror da teoria da revolução permanente.

Analisar todos estes problemas com camaradas que há muito tempo deixaram de ler e vivem apenas de suas lembranças de juventude é algo doloroso e inútil. Mas os camaradas, principalmente os jovens comunistas que ainda possuem o fogo sagrado do partido e que, em todo caso, não se deixam assustar com as palavras cabalísticas, nem tampouco pela palavra “permanente”, farão bem em ler, com o lápis na mão, as obras dessa época, a favor e contra a revolução permanente e procurar vinculá-las à revolução de Outubro.

Mas o que é ainda mais importante é o estudo dos acontecimentos durante e depois de Outubro. Lá se pode conferir todos os detalhes. Inútil será dizer que, com relação à política adotada pelo nosso partido do programa agrário dos socialistas revolucionários não havia entre Lênin e mim nenhuma sombra de uma divergência. O mesmo ocorreu em relação ao decreto sobre a terra.

Talvez a nossa política camponesa tenha sido errada em alguns pontos particulares, mas nunca provocou entre nós a menor divergência. Nossa política se orientou para o campesinato médio com a minha participação ativa. A experiência do trabalho no setor militar contribuiu muito para a concretização desta política. Como poderia ter subestimado o papel e a importância do campesinato na formação de um exército revolucionário recrutado entre camponeses e organizado com a ajuda dos operários mais esclarecidos?

Basta examinar nossa literatura político-militar para ver até que ponto estava impregnada da ideia de que a guerra civil é a luta política do proletariado em oposição

aos contrarrevolucionários pela conquista do campesinato e que a vitória só pode ser assegurada através do estabelecimento de relações racionais entre os operários e os camponeses, tanto em um regimento isolado como na escala das operações militares e em todo o Estado.

Em março de 1919, em um informe enviado para o Comitê Central da região do Volga onde eu estava, então, eu argumentava a necessidade de uma aplicação mais eficaz de nossa política orientada para o camponês médio e protestava pela negligência do Partido a este respeito. Em um informe inspirado diretamente por uma discussão sobre a organização do Senguileev, escrevi:

“A situação política atual - que, aliás, pode durar um longo tempo - corresponde a uma realidade econômica e social muito mais profunda, pois, se a revolução proletária triunfa no Ocidente, *para realizar o socialismo deveremos apoiar-nos em grande medida, no camponês médio e fazê-lo participar da economia socialista*”.

No entanto, a orientação para o campesinato médio, em sua primeira forma (“testemunhar interesse pelo campesinato”, “não dar ordens”, etc.) se mostrou insuficiente. Cada vez mais era sentida *a necessidade de modificar a política econômica*. Influenciado por minhas observações sobre o estado de ânimo do exército e minhas comprovações durante uma viagem de inspeção econômica realizada nos Urais, escrevi ao Comitê Central em fevereiro de 1920:

“A política atual de requisição de gêneros alimentícios, de responsabilidade coletiva para entrega desses produtos e da partilha equitativa de produtos industriais provoca a decadência progressiva da agricultura, a dispersão do proletariado industrial e ameaça interromper completamente a vida econômica do país”.

Como medida prática fundamental, propunha:

“Substituir a requisição dos excedentes por um desconto proporcional à quantidade de produção (uma espécie de imposto progressivo sobre a renda) e estabelecido de tal maneira que seja sempre vantajoso aumentar a área plantada ou cultivá-la melhor “.

Meu texto¹⁰ propunha, em resumo, levar a NEP ao campo. A esta proposta estava vinculada outra que dizia respeito à nova organização da indústria, proposta muito menos detalhada e muito mais circunspecta, mas dirigida

10 Reproduzimos aqui a parte principal desse documento: “As terras dos senhores e da coroa foram entregues aos camponeses. Toda a nossa política é dirigida contra os camponeses detentores de uma grande extensão de terra, de um grande número de cavalos: os kulaks. Além disso, a nossa política de abastecimento é baseada na requisição de excedentes agrícolas (consumo padrão). Isto estimula o agricultor a cultivar apenas na medida das necessidades de sua família. Em particular, o decreto sobre o confisco da terceira vaca (considerada supérflua) provoca o abate clandestino de vacas, a venda secreta de carne a preços elevados, e o declínio da indústria de laticínios. Por sua vez, os elementos semi-proletários e até proletários das cidades se estabelecem nos povoados onde organizam as fazendas. A indústria perde a sua força de trabalho e na agricultura, o número de fazendas isoladas e autossuficientes tende a aumentar continuamente. Dessa forma, é sabotada a nossa política de reabastecimento, com base na requisição do excedente. Se no decorrer deste ano requisitarmos uma maior quantidade de produtos, isso pode ser atribuída à extensão do território soviético e a algumas melhorias no aparato de reabastecimento. Mas no geral, os recursos alimentares do país ameaçam esgotar-se e nenhuma melhoria do aparato de requisição poderá remediar este fato. As tendências da crise econômica podem ser combatidas com os seguintes métodos:

1. substituir a requisição dos excedentes por um desconto proporcional à quantidade da produção (uma espécie de imposto progressivo sobre o rendimento agrícola) e estabelecido de tal forma que seja melhor o aumento da área plantada ou a melhoria das culturas.
2. instituir uma correlação mais rigorosa entre os produtos da indústria entregues aos camponeses e a quantidade de trigo fornecido por eles, não só pelos cantões e aldeias, mas também pelas propriedades rurais. Engajar nesta tarefa as empresas industriais locais. Pagar em parcela os camponeses pelas matérias-primas, o combustível e os alimentos que proporcionam, com produtos das empresas industriais. Em qualquer caso, é claro que a atual política de requisição pelos padrões de consumo, de responsabilidade coletiva para a entrega dos produtos e da repartição igualitária dos produtos industriais contribui ao declínio da agricultura, à dispersão do proletariado e à ameaça de desorganizar completamente a vida econômica do país.

em geral contra o regime das “centrais”, que suprimia toda coordenação entre a indústria e a agricultura.

Essas propostas foram rejeitadas pelo Comitê Central. Essa foi a nossa única divergência de opinião sobre a questão camponesa.

Até que ponto a adoção da NEP era racional em fevereiro 1920? As opiniões podem divergir sobre isso. Pessoalmente, eu tenho certeza que teria sido vantajosa. Em todo caso, dos documentos que acabo de citar é impossível tirar a conclusão de que eu ignorava sistematicamente o campesinato ou não apreciava suficientemente o papel que desempenhava...

A discussão sobre os sindicatos foi desencadeada pelo impasse econômico em que nos encontrávamos devido à requisição dos produtos alimentícios e do regime das onipotentes “centrais”. A vinculação dos sindicatos com organismos econômicos poderia remediar a situação? Evidentemente que não. Mas nenhuma outra medida podia tampouco resolver a situação enquanto subsistisse o regime econômico do “comunismo de guerra”.

Essas discussões episódicas desapareceram diante da decisão de recorrer ao mercado, decisão de suma importância e que não provocou qualquer divergência. A nova resolução sobre a tarefa dos sindicatos na base da NEP foi elaborada por Lênin no X e XI Congressos e aprovada por unanimidade.

Eu poderia citar pelo menos uma dúzia de outros fatos politicamente menos importantes, mas que negam também claramente a fábula da minha suposta “subestimação do papel do campesinato”. É, no entanto, necessário refutar uma afirmação totalmente indemonstrável e baseada unicamente na má fé ou, no melhor dos casos, na falta de memória?

É verdade, por outro lado, que a característica fundamental do oportunismo internacional seja a subestimação do papel do campesinato? Isso não é verdade. A característica essencial do oportunismo, incluindo o nosso menchevismo russo, é a subestimação do papel do *proletariado* ou, mais precisamente, a falta de confiança em sua força revolucionária.

Os mencheviques baseavam toda sua argumentação

contra a tomada do poder pelo proletariado no grande número de camponeses e no seu papel social determinante na Rússia. Os socialistas revolucionários consideravam que o campesinato estava pronto para dirigir o país, sob a sua direção e por seu intermédio.

Os mencheviques, que se juntaram aos socialistas revolucionários nos momentos mais críticos da revolução, achavam que, por sua própria natureza, o campesinato estava destinado a ser o esteio principal da democracia burguesa, a qual ajudavam em toda ocasião, seja sustentando os socialistas revolucionários ou os cadetes. Na prática, nestas combinações, os mencheviques e socialistas revolucionários entregaram à burguesia os camponeses atados de pés e mãos.

Podemos afirmar de pronto, que os mencheviques e socialistas revolucionários subestimavam o provável papel do campesinato *em relação à burguesia*; mas subestimavam mais ainda o papel do proletariado sobre o campesinato. E desta última subestimação derivava logicamente a primeira.

Os mencheviques rechaçavam como utopia, como o absurdo, o papel dirigente do proletariado em relação ao campesinato, com todas as consequências que derivam, ou seja, a conquista do poder pelo proletariado apoiada pelos camponeses. Este foi o ponto fraco dos mencheviques.

Além disso, quais foram, em nosso próprio partido, os principais argumentos contra a tomada do poder antes de Outubro? Consistiam em uma subestimação do papel do campesinato? Pelo contrário, eram uma superestimação do seu papel em relação ao do proletariado. Os camaradas que se opunham à tomada do poder argumentaram, principalmente, que o proletariado seria esmagado pelo elemento pequeno-burguês cuja base era uma população de mais de cem milhões de camponeses.

O termo “subestimação”, por si só, não expressa nada, nem teórica, nem politicamente, pois se trata não do peso absoluto do campesinato na história senão do seu papel e sua importância *em relação* a outras classes: por um lado, com a burguesia e, por outro, com o proletariado.

O problema pode e deve ser colocado concretamente,

isto é, sob a perspectiva da relação dinâmica das forças das diferentes classes. O problema que para a revolução tem uma importância política considerável (decisiva em certos casos, mas diferente segundo o país) consiste em saber se, no período revolucionário, o proletariado arrastará os camponeses e em que proporção.

O problema, que do ponto de vista econômico é muito importante (decisivo em alguns países como o nosso, mas muito diferente, dependendo do caso), é saber até que ponto o proletariado no poder conseguirá conciliar as exigências da construção do socialismo com os da economia camponesa.

Mas em todos os países e em todas as condições, a característica essencial de oportunismo está na superestimação da resistência da burguesia e das classes médias e a subestimação da força do proletariado.

Ridículo, para não dizer absurdo, é a tentativa de estabelecer uma fórmula bolchevique universal do problema camponês, válida para a Rússia de 1917 e para a de 1923, para os Estados Unidos com os colonos e para a Polônia com a sua grande propriedade latifundiária.

O bolchevismo começou com o programa de restituição da terra ao campesinato, substituiu este programa pelo da nacionalização, assumiu como seu, em 1917, o programa agrário dos socialistas revolucionários, estabeleceu o sistema de requisição de alimentos, depois o substituiu pelo imposto aos alimentos ... E, no entanto, ainda estamos longe de ter resolvido o problema camponês e teremos de fazer muitas mudanças e reviravoltas nessa direção.

Por acaso, não é óbvio que não se pode determinar as tarefas práticas atuais a partir de fórmulas gerais criadas pela experiência do passado? Que não se pode substituir a solução dos problemas de organização econômica recorrendo simplesmente à tradição? Que não se pode, quando se decide empreender um caminho histórico, basear-se unicamente em lembranças e analogias?

Hoje, o objetivo econômico fundamental é estabelecer entre a indústria e a agricultura e, conseqüentemente, dentro da indústria, uma correlação que permita à indús-

tria desenvolver-se com o mínimo de crise, confrontos e perturbações e que assegure à indústria e ao comércio estatais um predomínio crescente sobre o capital privado.

Esse é o problema geral, que se divide por sua vez numa série de problemas particulares: quais são os métodos a seguir para estabelecer uma harmonia racional entre a cidade e o campo? Entre o transporte, as finanças e a indústria? Entre a indústria e o comércio? Quais são, finalmente, os dados estatísticos concretos que permitem em todos os momentos estabelecer planos e cálculos econômicos mais adequados para a situação?

Evidentemente, estes são problemas cuja solução não pode estar pré-determinada por uma fórmula política geral qualquer. A resposta específica há que encontrá-la no processo de realização.

O que o agricultor pede não é a repetição de uma fórmula histórica correta das relações de classe (“ligação” entre a cidade e o campo, etc.), mas que lhe forneçamos pregos, tecidos e fósforos a um bom preço. Nós só podemos chegar a atender a essas demandas, aplicando, cada vez mais decididamente, os métodos de registro, organização, produção, venda, verificação de trabalho, correções e mudanças radicais.

Esses problemas têm um caráter de princípio programático? Não, porque nem os programas, nem a tradição teórica do partido estão ligados, nem podem estar, pois carecemos da experiência, a partir da qual se pode chegar a generalização.

Será que a importância prática destes problemas é grande? Imensurável. De sua solução depende o destino da revolução. Nestas condições, tentar diluir cada problema prático, e as divergências que se produzem na “tradição” do partido transformada em abstração significa, na maioria das vezes, renunciar ao que há de mais importante nesta tradição: a situação e a solução de cada problema em sua realidade integral.

É preciso deixar de discursar sobre a subestimação do papel do campesinato. O que é preciso fazer é baixar o preço dos produtos destinados aos camponeses.

7 O plano na economia (o decreto nº 1.042)

Na discussão atual, oral e escrita, o decreto número 1.042 é mencionado com frequência não sei porque. Por que ocorre isso? Como? Certamente, a maioria dos membros do Partido esqueceu o significado desse número misterioso. Trata-se da ordem do Comissariado dos Transportes de 22 de maio de 1920, que se refere à reparação das locomotivas. Parece-me que, desde então, transcorreu bastante tempo e na atualidade há muitos problemas mais urgentes que o da organização e reparação das locomotivas de 1920. Existem planos e instruções muito mais recentes na metalurgia, na construção de máquinas, particularmente de máquinas agrícolas. Há uma resolução clara e precisa do XII Congresso sobre o sentido e as tarefas do plano que a direção dever realizar. Temos a experiência recente da elaboração do plano de trabalho para 1923. Por que, então, precisamente agora, reaparece, como o *deus ex machina* do teatro romano, esse plano do período do comunismo de guerra?

Reapareceu porque por detrás da tramoia havia diretores de cena para os quais sua aparição era necessária para o desfecho do drama. Quem são esses diretores

e por que tão subitamente sentiram a necessidade de ressuscitar o decreto 1.042? É totalmente incompreensível. Poderia se acreditar que este decreto foi exumado por pessoas imbuídas de uma irresistível preocupação de reestabelecer a verdade histórica. É evidente que eles também sabem que há muitos problemas mais importantes e mais urgentes que o plano de reparações do material ferroviário, pois isto aconteceu há quase quatro anos atrás. Mas, julguem vocês mesmos: como prosseguir, como estabelecer novos planos, como estar seguros da correção e do êxito sem começar explicando a todos os cidadãos russos que o decreto 1.042 era um decreto errôneo, que descuidava do fator camponês, que despreziava a tradição do Partido e tendia à constituição de uma fração? De relance, 1042 parece um simples número de resolução. Mas, não podemos nos deixar levar pelas aparências. Se prestarmos um pouco mais de atenção e clarividência se perceberá que o número 1.042 não é, no fundo, melhor que o número apocalíptico 666, símbolo da Besta. É preciso começar esmagando a cabeça da Besta apocalíptica e somente depois, se poderá falar livremente dos novos planos econômicos ainda não cobertos pela prescrição de quatro anos...

Sinceramente, não tinha inicialmente o desejo de entreter os leitores com o decreto 1.042. Ainda mais que os ataques de que é objeto se reduzem a subterfúgios e vagas alusões destinadas a fazer crer que os atacantes sabem muito mais do que falam, quando na realidade os infelizes não sabem nada de nada. Nesse sentido, as “acusações” contra o decreto 1.042 não são muito diferentes das 1.041 acusações lançadas contra mim Substituíram a qualidade pela quantidade. Se desvirtuam inescrupulosamente os fatos, se desfiguram os textos, se modificam as proporções, se amontoa tudo numa pilha sem ordem nem método. Para poder ter uma ideia clara das divergências e dos equívocos do passado, haveria de reconstituir exatamente a situação daquele momento. Mas, como fazê-lo? E vale a pena,

quando deliberadamente se ignoraram numerosas acusações, essencialmente falsas, reagir diante da reaparição do “decreto 1.042”?

Depois de refletir um pouco, cheguei à conclusão de que valia a pena, porque este é um caso típico de denúncia baseada na leviandade e na má fê. O caso do decreto 1.042 é um caso concreto, referido à produção, portanto, contém dados precisos, números e medidas. É relativamente fácil e simples repetir informações seguras, citar fatos evidentes: a simples prudência deveria fazer calar aqueles que se ocupam do tema, pois é bastante fácil demonstrar que falam do que não sabem, nem tampouco compreendem. Além disso, se este exemplo concreto, preciso, demonstra que o *deus ex machina* não passa de um bobo-da-corte frívolo, talvez ajude o leitor a compreender os métodos da encenação que existe nas outras “acusações”, cuja vacuidade lamentavelmente é muito menos verificável que a do decreto 1.042.

Tentarei, na minha exposição do caso, não limitar-me aos dados históricos e vincular a questão do decreto 1.042 aos problemas do plano de organização e direção da economia. Os exemplos concretos que darei possivelmente tornem mais claro este assunto.

O decreto 1.042, referente à reparação e conserto de locomotivas e à utilização metódica com essa finalidade de todas as forças e recursos da administração ferroviária e estatal nesse setor, foi longamente elaborado pelos melhores especialistas que ainda ocupam cargos elevados na direção das ferrovias. A aplicação da ordem começou praticamente em maio-junho, embora se estabelecesse o 1º de julho de 1920 como data para seu início. O plano afetava não apenas as oficinas de consertos da rede ferroviária, mas também as fábricas correspondentes do Conselho de Economia Nacional. Reproduzimos a seguir um quadro comparativo que indica a realização do plano por parte das oficinas ferroviárias e por parte das fábricas do Conselho de Economia. Nossos números

reproduzem dados oficiais inquestionáveis apresentados periodicamente ao Conselho de Trabalho e Defesa pela Comissão Principal de Transportes e assinado pelos representantes do Comissariado do Transporte e do Conselho de Economia Nacional.

Dessa forma, graças à intensificação dos trabalhos nas oficinas do Comissariado do Transporte, foi possível aumentar desde outubro em 28% a meta fixada. Durante os primeiros quatro meses de 1921, a execução do plano foi um pouco inferior a essa meta. Mas depois, quando Dzerzhinski ocupou o posto de comissário dos transportes, se deparou com dificuldades alheias à sua vontade. Por um lado, a carência de materiais e produtos elementares para os trabalhadores envolvidos na reparação; de outro, a grande escassez de combustível, que impossibilitava até a utilização das locomotivas existentes. Em consequência, o Conselho de Trabalho e Defesa decidiu, por um decreto em 22 de abril de 1921, diminuir, durante o resto desse ano, as metas de reparações das locomotivas determinadas no plano 1.042. Nos últimos oito meses de 1921, o trabalho do Comissariado de Transporte atingiu 88% e o do Conselho de Economia Nacional, 44% do plano original.

Os resultados da execução do decreto 1.042 durante o primeiro semestre, o mais crítico para o setor dos transportes, são apresentados do seguinte modo nas teses adotadas pelo birô político do Partido para o VIII Congresso dos Sovietes:

“O programa de reparações adquiriu um caráter preciso não somente para as oficinas ferroviárias senão também para as fábricas do Conselho de Economia Nacional destinadas ao transporte. O programa de reparações, estabelecido como resultado de um grande trabalho e aprovado pela Comissão Principal dos Transportes, foi porém executado numa proporção muito deferente nas oficinas ferroviárias (Comissariado dos Transportes) e nas fábricas (Conselho de Economia Nacional).

Realização do decreto número 1.042
 Percentual de realização do plano

	Oficinas ferroviárias	Fábricas do Conselho de Economia Nacional
1920		
Julho	135	40,5
Agosto	131,6	74
Setembro	139,3	80
Outubro ¹	130	51
Novembro	124,6	70
Dezembro	120,8	66
Total	130,2	70²
1921		
Janeiro	95	36
Fevereiro	90	38
Março	101	
Abril	98	26

Enquanto que nas oficinas a reparação total e media expressa em unidades de reparação média passou durante esse ano de 258 locomotivas a mais de 1.000, isto é, aumentou quatro vezes, representando assim 130% da meta mensal fixada, as fábricas do Conselho de Economia somente proporcionaram material e peças de reposição *num terço da meta* estabelecida pela Comissão dos Transportes, de acordo com as duas administrações (ferroviária e Conselho de Economia)”.

Mas, a partir de um certo momento, a execução das metas estabelecidas pelo decreto 1.042 se tornou impossível devido a insuficiência de matérias-primas e de combustível. Isso prova precisamente que o decreto era errôneo, diriam certos críticos (que por outro lado recém acabam de conhecer o fato ao ler estas linhas). Que outra coisa podemos responder senão que o decreto 1.042 regulamentava a reparação de locomotivas, mas não a produção de metais e a extração de carvão regulamentada por outras ordens e outras instituições? O decreto 1.042 não era um plano econômico universal mas, apenas um plano referente aos transportes.

Mas, dirão, não teria de levar em consideração os recursos de combustível, de metais, etc.? Evidentemente, precisamente por isso foi criada a Comissão de Transportes da qual participavam, com paridade de representação, o Commissariado dos Transportes e o Conselho de Economia Nacional. O plano foi estabelecido de acordo com as indicações dos representantes do Conselho de Economia Nacional que declararam que podiam proporcionar os materiais necessários. Se houve erro de cálculo, a culpa recai completamente no Conselho de Economia.

Isto era o que queriam dizer os críticos? Duvido. Estes críticos se mostram muito interessados na verdade histórica, mas com a condição de que esta lhes outorgue alguma vantagem. Muito bem, entre estes críticos *pos factum* há alguns que naquela época eram responsáveis pela gestão do Conselho de Economia Nacional. Mas, em suas críticas, se equivocam simplesmente de endereço. Isto pode acontecer. Como circunstância atenuante, por outro lado, há que reconhecer que as previsões relativas à extração de carvão, à produção de metais, etc., eram então muito mais difíceis de precisar que agora. Se as previsões do Commissariado dos Transportes referentes à reparação das locomotivas eram incomparavelmente mais exatas que as do Conselho de Economia Nacional, era porque, ao menos até certo ponto, a administração das ferrovias estava mais centralizada e tinha maior experiência. Isso reconhecemos, mas não muda nada quanto ao erro de avaliação completamente imputável ao Conselho de Economia.

Esse erro, que impôs a diminuição das metas do plano, mas que não provocou a sua supressão, não prova nem a favor, nem contra o decreto 1.042, que tinha essencialmente um caráter orientador e que registrava as modificações periódicas sugeridas pela experiência. *A correção de um plano de produção é um dos pontos mais importantes de sua realização.* Vimos anteriormente que as metas de produção do decreto 1.042 foram aumentadas a partir de outubro de 1920, em 28%, devido a que a capacidade da produção das oficinas do Commissariado dos Transportes

era, graças às medidas adotadas, mais elevada do que se havia previsto. Também vimos como essas metas foram sensivelmente diminuídas a partir de maio de 1921, devido às circunstâncias independentes do comissariado. Mas a diminuição e aumento dessas metas se fizeram seguindo um plano determinado, *cujá base foi fornecida* pelo decreto 1.042.

Isso é o máximo que se pode exigir de um plano de orientação. Evidentemente, o que tinha maior importância eram os números dos primeiros meses. O semestre do ano seguinte, as outras só podiam ser aproximadas. Nenhum dos que participaram da elaboração do decreto pensou naquele momento que sua execução duraria exatamente quatro anos e meio. Quando se contemplou a possibilidade de elevar a meta, o período teórico aproximado foi reduzido para três anos e meio. A carência de materiais provocou um novo prolongamento. Mas, apesar de tudo, no período mais crítico do funcionamento dos transportes (fins de 1920 e começo de 1921), o decreto era adaptado à realidade, a reparação de locomotivas se realizou de acordo com um plano determinado, se quadruplicou a atividade e as ferrovias foram salvas de uma catástrofe iminente.

Não sei com que planos ideais nossos honoráveis críticos comparam o decreto 1.042. Creio que deveriam compará-lo com a situação anterior à sua promulgação. Naquele época as locomotivas estavam alocadas a cada fábrica que fazia o seu trabalho para reabastecer-se de produtos alimentícios. Tratava-se de uma medida desesperada que provocava a desorganização do transporte e um desperdício monstruoso de trabalho necessário para as reparações. O decreto 1.042 instaurou uma unificação, introduziu na reparação os elementos da organização racional do trabalho designando séries determinadas de locomotivas a oficinas determinadas, de modo que a reparação do material dependesse já não dos esforços dispersos da classe operária senão de um registro mais ou menos exato das forças e dos recursos da administração de transportes. Nisto reside a importância fundamental do decreto 1.042, inde-

pendentemente do grau de coincidência dos números do planejamento com os números da execução. Mas, como já dissemos, apesar deste problema, igualmente tudo andou bem.

Evidentemente, agora que os fatos foram esquecidos, algumas pessoas podem dizer sobre o plano 1.042 tudo que lhes ocorra, esperando que ninguém se incomodará em revisar os papeis e que, ainda que o faça, alguma coisa de tudo que dizem estará certo. Mas, naquela época, o assunto era perfeitamente claro e inquestionável. Poder-se-á dar dezenas de testemunhos, mas eu escolherei três, mais ou menos autorizados, mas com características particulares de acordo com seu gênero.

A 3 de junho, o Pravda avaliava desse modo a situação dos transportes:

“... Agora, o funcionamento dos transportes melhorou em certos aspectos. Qualquer observador, inclusive o mais superficial, pode comprovar um certo ordenamento, ainda imperfeito, mas que antes não existia. Pela primeira vez, se elaborou um plano de produção preciso, se fixou uma tarefa determinada às oficinas, às fábricas e aos depósitos. Desde a revolução, é a primeira vez que se efetua um registro completo e exato de todas as possibilidades de produção. Deste ponto de vista, o decreto 1.042, assinado por Trotsky, representa uma mudança no nosso trabalho no setor dos transportes ...”.

Mas, vamos reproduzir um testemunho mais autorizado e baseado na experiência de um semestre. No VIII Congresso dos Sovietes, Lênin dizia:

“... já viram vocês nas teses dos camaradas Iemshánov e Trotsky que, neste domínio, reparação dos transportes, se trata de um plano de longo alcance. O decreto número 1.042 foi calculado para cinco anos, e em cinco anos podemos reconstruir nosso transporte, diminuir o número de locomotivas avariadas, e gostaria de destacar, como talvez o mais difícil, a indicação da nona tese, que se refere a que já temos reduzido esse prazo.

Quando se publicam grandes planos, calculados para

muitos anos, aparecem com frequência os céticos que dizem: não podemos calcular para tantos anos; tomara possamos fazer o que precisamos imediatamente. Camaradas, há que saber combinar uma coisa com a outra; não é possível trabalhar sem ter um plano calculado para um longo período e para um sério êxito. A indiscutível melhoria do trabalho nos transportes demonstra que isto é realmente assim. Convido vocês a examinar a passagem da nona tese, onde se lê que o prazo para a reconstrução dos transportes, que era de cinco anos, foi reduzido já, porque se trabalho ultrapassando as metas; o prazo fixado agora é de três anos e meio. É necessário trabalhar também assim em todos os outros setores da economia". (Lênin, Obras Completas, edição em espanhol, tomo XXXI, pág. 489).

Finalmente, um ano depois da publicação do decreto 1.042, lemos na ordem de Dzerzhinski denominada Bases do futuro trabalho do *Comissariado dos Transportes*, datada em 27 de maio de 1921:

“Considerando que a diminuição da meta dos decretos 1.042 e 1.157, que constituem as primeiras e brilhantes experiências de trabalho de acordo com um planejamento econômico, é provisória e devido à crise de abastecimento de combustível..., é preciso adotar as medidas necessárias para apoiar e reestabelecer o abastecimento das oficinas...”.

Desse modo, após a experiência de alguns anos e da forçada diminuição das metas de reparação, o novo diretor (depois de Iemshánov) das ferrovias reconhecia que o decreto 1.042 tinha sido uma “primeira e brilhante experiência da aplicação do planejamento econômico“. Duvido que seja possível refazer, transformar agora a história, ao menos no que se refere à reparação do material ferroviário. Entretanto, atualmente muitas pessoas tentam refazer os fatos e adaptá-los às “necessidades” do presente. Mas, não creio que esta reforma (realizada também de acordo a um “plano”) tenha alguma utilidade social e possa ter finalmente resultados apreciáveis ...

É verdade que Marx chamou à revolução de locomotiva

da história. Mas, embora é possível restaurar locomotivas da ferrovia, não creio que se possa fazer o mesmo com a locomotiva da história ... Na linguagem comum, essas tentativas se chamam falsificações.

Para embaralhar a questão alguns poderiam desprezar os dados e fatos e falar da *Comissão Central de Transportes* ou dos pedidos de locomotivas ao exterior. Creio que convém assinalar que estas questões não têm entre si nenhuma relação. O decreto 1.042 continuou regulando o trabalho de reparação sob direção de Iemshánov e depois com a de Dzerzhinski, enquanto que a composição da Comissão Central dos Transportes foi completamente modificada. No que se refere aos pedidos de locomotivas ao exterior, devo observar que *toda esta operação foi resolvida e realizada fora do Commissariado dos Transportes e independente do decreto 1.042 e de sua execução*. E se alguém quer desmentir estes fatos que se atreva a fazê-lo.

Como já vimos, a comissão principal de transporte realizou de forma parcial e vacilante o objetivo de harmonizar os setores conexos da economia, trabalho que agora, numa escala mais ampla e sistemática, representa o objetivo do plano estatal, a Gosplan. O exemplo que citamos expõe quais são as tarefas e dificuldades da realização de um plano na direção econômica.

Nenhum setor industrial, grande ou pequeno, nenhuma empresa pode distribuir racionalmente seus recursos e suas forças sem contar com um planejamento orientador. Ao mesmo tempo, todos esses planos parciais são relativos, dependem e se condicionam entre si. Essa dependência recíproca deve necessariamente servir de critério fundamental na elaboração e depois na realização dos planos, isto é, na sua verificação periódica sobre a base dos resultados alcançados.

Nada é mais fácil do que burlar-se dos planos estabelecidos para muitos anos e que na sua implementação se revelam inconsistentes. Houve muitos desses planos, é inútil repetir que a fantasia não deve ser considerada no campo da economia. Mas, para chegar a estabelecer planos racio-

nais, lamentavelmente é preciso começar com planos mais simples, assim como foi preciso começar pelo machado de pedra para se chegar à faca de aço.

É impressionante como muitas pessoas ainda têm ideias infantis sobre o problema do planejamento econômico: “Não precisamos [dizem], de inúmeros [?!] planos; temos um plano de eletrificação, comecemos a executá-lo”. Este raciocínio evidencia um completo desconhecimento dos elementos do problema. O plano de eletrificação está totalmente subordinado aos planos dos setores fundamentais da indústria, do transporte, das finanças e da agricultura. Todos estes planos parciais devem ser antes de tudo integrados entre si de acordo com os dados que se têm sobre nossos recursos e nossas possibilidades econômicas.

Somente sobre um plano geral integrado desse modo, anual por exemplo (que abarque as frações anuais dos planos particulares para três anos, etc., e que represente somente uma hipótese), pode e deve basear-se o organismo dirigente que assegura a realização do plano e que introduz as modificações necessárias no curso dessa realização. Sendo flexível, a direção não incorre em uma série de improvisações, na medida em que se baseia numa concepção geral lógica do conjunto do processo econômico. E dessa forma tenderá, introduzindo as mudanças necessárias, a aperfeiçoar, a precisar o plano econômico de acordo com as condições e com os recursos materiais.

Esse é o esquema geral do planejamento na economia estatal. Mas a existência do mercado complica consideravelmente a sua realização. Nas regiões mais afastadas, a economia estatal se liga, ou ao menos tenta ligar-se, com a pequena economia camponesa. O instrumento direto dessa ligação é o comércio dos produtos da pequena e, em parte, da média indústria, e só muito mais tarde, de forma indireta e parcial, entra em jogo a grande indústria a serviço direto do Estado (exército, transporte, indústria estatal). A economia camponesa não é regida por um planejamento, mas é condicionada pelo mercado que se desenvolve espontaneamente. O Estado pode e deve agir

sobre ela, impulsioná-la, mas ainda é absolutamente incapaz de canalizá-la de acordo com um plano único. Precisaremos ainda de muitos anos para conseguir isso (provavelmente graças, sobretudo, à eletrificação). No próximo período, que é o que nos interessa diretamente, teremos uma economia estatal dirigida de acordo com um plano determinado, que se ligará cada vez mais com o mercado camponês e, conseqüentemente, se adaptará a este último na medida em que se desenvolva.

Mesmo que esse mercado se desenvolva espontânea e naturalmente, isso não quer dizer que a indústria estatal deva adaptar-se a ele também espontaneamente. Pelo contrário, nossos êxitos na organização econômica dependerão em grande parte da medida em que, mediante o conhecimento exato das condições do mercado e das previsões econômicas corretas, chegemos a coordenar a indústria estatal com a agricultura de acordo com um plano determinado. A concorrência entre as diferentes fábricas e entre os trustes estatais não modifica em nada o fato de que o Estado é o proprietário de toda a indústria nacionalizada e que, como proprietário, administrador e diretor, deve considerar sua propriedade como um todo único em relação ao mercado camponês. Evidentemente que é impossível determinar com antecedência o movimento do mercado camponês, da mesma forma que o mercado mundial, com o qual se estreitará nossa vinculação devido principalmente à exportação de trigo e matérias-primas. Os erros de avaliação são inevitáveis, ainda que não seja a causa da variabilidade da colheita. Esses erros, referentes ao mercado, se manifestarão sob a forma de carência de produtos, perturbações, crises. Entretanto, está claro que essas crises serão tanto menos agudas e prolongadas na medida em que a aplicação do plano seja mais séria em todos os setores da economia estatal. Embora a doutrina dos brentanistas (partidários do economista alemão Ludwig Joseph Brentano) e dos bernstenianos era radicalmente falsa quando afirmava que o domínio dos trustes capitalistas regularizaria o mercado e desapareceriam as

crises comerciais-industriais, é totalmente correta quando aplicada ao Estado operário, considerando um truste de trustes e banco de bancos. Em outras palavras, o aumento ou diminuição da crise será em nossa economia o termômetro mais evidente e infalível dos progressos da economia estatal com relação ao capital privado. Na luta da indústria estatal pela conquista do mercado, o planejamento é a nossa arma fundamental. Sem ele, a nacionalização se transformaria num obstáculo para o desenvolvimento econômico e o capital privado socavaria inevitavelmente as bases do socialismo.

Por economia estatal, entendemos evidentemente, além da indústria, os transportes, o comércio estatal exterior e interior e as finanças. Todo esse complexo (em seu conjunto e em suas partes) se adapta ao mercado camponês isolado enquanto que contribuinte. Mas essa adaptação tem como objetivo principal reforçar e desenvolver *a indústria estatal, pedra angular da ditadura do proletariado e base do socialismo*. É totalmente falsa a ideia de que é possível desenvolver e levar a cabo isoladamente e à perfeição certas partes deste complexo: transportes, finanças ou qualquer outro. Seus progressos e suas regressões estão em estreita interdependência. Daí a grande importância da Gosplan, cujo papel é tão difícil de se compreender na atualidade.

A Gosplan deve dirigir todos os fatores fundamentais da economia estatal, integrá-los e integrar-se com a economia camponesa. Sua principal preocupação deve ser o desenvolvimento da indústria estatal socialista. Precisamente nesse sentido eu afirmo que no seio do complexo estatal, a “ditadura” deve corresponder não às finanças, mas à indústria. Como já indiquei, a palavra ditadura tem aqui um sentido muito restrito e condicional: corresponde ao tipo de ditadura que aspirava a exercer as finanças. Em outras palavras, não somente o comércio exterior, mas também o reestabelecimento de uma moeda estável devem estar rigorosamente subordinados aos interesses da indústria estatal. É evidente que isto não está de nenhum

modo direcionado contra a “ligação”, isto é, contra as relações racionais entre todo o complexo estatal e a economia camponesa. Pelo contrário, somente desta forma se chegará progressivamente a realizar essa “ligação” que, até o momento é somente uma palavra. Afirmar que, ao colocar assim o problema, se subestima o campesinato ou se pretende imprimir na indústria estatal um ritmo que não corresponde ao estágio da economia nacional em seu conjunto, é um grande absurdo que não se torna convincente pelo fato de continuamente ser repetido.

O seguinte parágrafo do meu informe ao XII Congresso demonstra qual era o ritmo que se esperava da indústria no próximo período e quem era aqueles que reivindicavam esse ritmo:

“Eu disse que até agora estávamos trabalhando com perdas. Esta não é só uma avaliação pessoal, mas uma posição sustentada pelos nossos administradores econômicos mais autorizados. Recomendo que leiam o folheto de Chalatov *Sobre o salário*, que foi publicado por ocasião deste congresso. Contém um prefácio de Rykov no qual o seu autor diz: ‘No começo do terceiro ano de nossa nova política econômica, é preciso reconhecer que os êxitos conseguidos durante os dois anos precedentes são ainda insuficientes, que ainda não conseguimos deter a diminuição do capital fixo e do capital circulante e que estamos longe do estágio de acumulação e aumento das forças produtivas da república. Durante este terceiro ano, deveremos conseguir que os principais setores da nossa indústria e do nosso transporte nos rendam lucros’. Desse modo, Rykov comprova que durante este ano, nosso capital fixo e nosso capital circulante continuavam diminuindo. Durante este terceiro ano [disse], devemos conseguir que os principais setores de nossa indústria e de nosso transporte nos rendam lucros’. Apoio este desejo de Rykov, mas não compartilho com sua esperança tão otimista nos resultados do nosso trabalho durante este terceiro ano. Não creio que os setores fundamentais de nossa indústria já possam produzir lucros durante este terceiro ano e considero que *será*

suficiente se, ao menos, limitamos nossos prejuízos neste terceiro ano da NEP em maior medida do que fizemos no segundo ano e, se podemos provar que durante este terceiro ano, nossas perdas, nos setores mais importantes da economia - transportes, combustíveis e metalurgia - são menores que o do ano anterior. O que interessa é principalmente estabelecer a tendência do desenvolvimento e deslocar-se para a linha mais correta. Se nossos prejuízos diminuem e a indústria progride, teremos triunfado, conseguiremos a vitória, isto é, o lucro, mas para isso é preciso que a curva se desenvolva a nosso favor”.

Desse modo, é absurdo afirmar que o problema se reduz ao ritmo do desenvolvimento e está quase totalmente determinado pelo fator da rapidez. Na realidade, trata-se antes tudo da direção do desenvolvimento.

Mas é muito difícil discutir com pessoas que vinculam cada problema novo, preciso, concreto, a um problema mais geral já resolvido há algum tempo. É preciso dar concretude às formulas gerais e, nesse sentido, já direcionada em grande parte em nossa discussão: devemos passar da fórmula geral do estabelecimento da “ligação” ao problema mais concreto das “tesouras” (XII Congresso) e do problema das “tesouras” à regularização metódica e efetiva dos fatores econômicos que determinam os preços (XIII Congresso). Esta é, para utilizar a velha terminologia bolchevique, a luta contra o “espontaneísmo” econômico. O êxito desta luta ideológica é a condição *sine qua non* dos êxitos econômicos.

A reparação do material ferroviário não era em 1920 parte constitutiva de um planejamento econômico de conjunto, pois, nesse momento, o problema do plano não estava em discussão. O incentivo que representa o plano foi aplicado ao setor do transporte, isto é, ao setor da economia que estava naquele momento correndo um perigo maior e ameaçava afundar-se completamente. “Nas condições em que se encontra agora o conjunto da economia soviética [escrevemos nas teses destinadas ao VIII Congresso dos Sovietes], quando a elaboração e a aplicação de um

plano econômico se achavam ainda na etapa da integração empírica dos setores mais afins desse futuro plano, era absolutamente impossível para a administração das ferrovias realizar seu plano de reparações e de exploração sobre a base de um plano econômico único que apenas era naquele momento um projeto”. Melhorados graças ao plano de reparações, os transportes entraram em contradição em seu desenvolvimento com o atraso dos outros setores da economia: indústria metalúrgica, combustível, grãos. Nesse sentido, o plano 1.042 colocou na ordem do dia a questão do planejamento econômico geral. A NEP modificou as condições em que se colocava este problema e, portanto, os métodos de sua solução. Mas o problema subsiste em toda sua gravidade. Isto é o que evidenciam as reiteradas decisões relativas à necessidade de transformar a Gosplan no estado maior da economia soviética. Mas, voltaremos a nos referir a este tema em detalhes, pois, as tarefas econômicas exigem um exame muito preciso.

Os fatos históricos que acabo de relatar demonstraram, assim espero, que nossos críticos se equivocaram ao pretender rediscutir o decreto 1.042. A história dessa ordem mostra exatamente o contrário do que eles queriam provar. Como já conhecemos seus métodos, não nos surpreenderemos se aparecerem gritando: “Qual o objetivo de ressuscitar velhos problemas e expurgar uma ordem publicada há quatro anos atrás?” É terrivelmente difícil satisfazer a pessoas que resolveram modificar nossa história a qualquer preço. Mas este não é o motivo pelo qual escrevemos. Confiamos no leitor que não se interessa por uma renovação da história, mas que se esforça por descobrir a verdade e as lições que ela encerra e aproveitá-las para continuar seu trabalho.



Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- [anchor.fm|por-massas](https://anchor.fm/por-massas)
